



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

LÉLIS TEREZINHA MARINO DUARTE

**DISTRAÍDAS, DISPERSAS, HIPERATIVAS, APÁTICAS:
QUE ESCUTA FAZER DESSES SUJEITOS ?**

RECIFE

2009

LÉLIS TEREZINHA MARINO DUARTE

**DISTRAÍDAS, DISPERSAS, HIPERATIVAS, APÁTICAS:
QUE ESCUTA FAZER DESSES SUJEITOS ?**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica De Pernambuco, composta pelos professores Dra Glória Carvalho e Dr. Zeferino Rocha, como exigência à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica

Orientador: Dra. Nanette Zmeri Frej

Co-orientador: Dra. M. de Fátima Vilar de Melo

RECIFE

2009

D812d

Duarte, Lélis Terezinha Marino

Distraídas, dispersas, hiperativas, apáticas : que escuta fazer desses sujeitos? / Lélis Terezinha Marino Duarte ; orientador Nanette Zmeri Frej ; co-orientador M. Fátima Vilar de Melo, 2009.
112 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2009.

1. Psicologia clínica. 2. Psicanálise. 3. Distúrbio da falta de atenção com hiperatividade. I. Título

CDU 159.964.2

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

LÉLIS TEREZINHA MARINO DUARTE

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha

Profa. Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho

Profa. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo
(Co-orientadora)

Profa. Dra. Nanette Zmeri Frej
(Orientadora e Presidente)

Recife

26 de fevereiro de 2009

**Dedico a todos aqueles
que vierem a ler esse
trabalho.**

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadoras, Dra. Nanette Zmeri Frej e Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo, pelo incentivo, apoio e orientação cuidadosa durante todo o processo de elaboração deste trabalho.

Aos professores Dr. Zeferino Rocha e Dra Glória Carvalho, pela valiosa contribuição a esse trabalho, possibilitada por meio da leitura criteriosa feita na banca prévia .

Aos professores queridos, Alicia Fernández e Jorge Gonçalves da Cruz, que despertaram meu interesse pelo tema da dissertação.

Aos colegas do Mestrado, em especial àquelas que se tornaram amigas: Paula, Talita, Andréa e Isabela.

Às amigas de longe, Marta, Tânia, Luciana, Cristina, Eliana, Andréa e Margarida, pelo incentivo de sempre.

À família de longe, em especial as irmãs, Luzia, Lia, Lise, pelo constante apoio.

À família, que, de perto, deu suporte nessa trajetória, nem sempre tranqüila, José Orlando, Fábio e Pedro. Pedro, em especial, pelo suporte técnico em informática.

Àqueles dois que, por morarem em mim, nunca estarão longe. Ondina, minha mãe. Orlando, meu pai.

A regra para o médico pode ser assim expressa: 'Ele deve conter todas as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção e abandonar-se inteiramente à 'memória inconsciente'. Ou, para dizê-lo puramente em termos técnicos: 'Ele deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa.' O que se consegue desta maneira será suficiente para todas as exigências durante o tratamento. Aqueles elementos do material que já formam um texto coerente ficarão à disposição consciente do médico; o resto, ainda desconexo e em desordem caótica, parece a princípio estar submerso, mas vem rapidamente à lembrança assim que o paciente traz à baila algo de novo, a que se pode relacionar e pelo qual pode ser continuado. O cumprimento imerecido de ter 'uma memória excepcionalmente boa', que o paciente nos presta quando reproduzimos algum pormenor após mais de ano, pode então ser aceito com um sorriso, enquanto que uma determinação consciente de relembrar o assunto provavelmente teria resultado em fracasso. (FREUD, 1912, p.150-51. Recomendações aos médicos que exercem psicanálise.)

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa teórica apresenta uma conceituação da função da Atenção no psiquismo humano, a partir do referencial teórico psicanalítico. Problematizamos o conceito de Atenção subjacente aos critérios propostos para definição dos transtornos de Atenção que caracterizam o TDA/ TDHA (Transtorno do Déficit de Atenção e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). A partir da pesquisa na obra freudiana, foi possível estabelecer a constituição da Atenção no sujeito humano, bem como as relações entre a Atenção, a atividade motora e o pensamento. A perspectiva aqui apresentada permite-nos questionar o aumento de diagnósticos de déficit de atenção e hiperatividade na atualidade. É analisado o poder do discurso que caracteriza o TDA/ TDHA como modelo de funcionamento mental propondo uma leitura de sujeito conforme concebido pela Psicanálise. Freud, em sua teoria, aponta para a função antecipatória da Atenção e para o pensar como forma de coibir a descarga motora que inibe a ação. A Atenção supõe uma reserva de energia que, não tendo sido descarregada, é usada na ação constituída pelo pensar. Assim, a Atenção é tomada desde o seu estabelecimento num tempo não cronológico, que integra o surgimento do humano a partir do organismo, considerando as fronteiras entre a realidade material e psíquica, entre o sujeito e a cultura e entre o normal e o patológico. O movimento da *Aufhebung* freudiana permite compreender como a Atenção de um sujeito pode incidir sobre os estímulos endógenos, voltar-se às necessidades internas e às solicitações externas. Há um corte e uma continuidade entre esses dois espaços. Partimos da palavra inaugural, trazida ao bebê pela pessoa que está atenta às suas manifestações, concebida como sendo aquilo que inscreve as dimensões na qual o ser humano está inserido e que permite um endereçamento de sua fala ao outro. A concepção do outro enquanto semelhante e enquanto lugar Outro que transmite as palavras possibilita o surgimento das dimensões de tempo e de espaço, nas quais o sujeito pode se fazer representar. A inscrição da temporalidade que define a trajetória do humano é determinante no desenvolvimento do psiquismo. Esse desenvolvimento é não linear e desarmônico por natureza, uma vez que há avanços e retrocessos que não respeitam a cronologia, mas sim o movimento interno. Aquilo, portanto, que se caracteriza como normal ou patológico, é pensado nessa dissertação a partir desses pressupostos. Colocamos em relevo o transitivismo da relação mãe-bebê e suas implicações na organização de modalidades singulares de prestar atenção ao mundo e nele situar-se. É a partir dessa singularidade que um sujeito deve ser escutado. Afirmamos que a posição psicanalítica, aqui assumida, estabelece que, diante da distração, dispersão, hiperatividade ou apatia da criança, jovem ou adulto, levantaremos a hipótese de que ali há um Sujeito, capaz de fazer uma demanda em seu nome.

Palavras chave: Psicanálise - palavra - atenção - *Aufhebung* freudiana

ABSTRACT

This piece of theoretical research aims to present a conceptualization of the function of the Attention in the human psyche, which will allow us to evaluate the increasing number of diagnoses of attention deficit and hiperactivity nowadays. We'll analyse the power of speech which characterizes TDA/TDHA as a model of the way the minds works, suggesting a reading which concieves the subject from psychoanalytical viewpoint. Freud, in his work, points the antecipatory function of Attention to thought as a way of avoiding the motor discharge which inhibits action. Attention assumes a reserve of energy which if not discharged, is expended in the process of thought. Thus, Attention is seen from its origin in non-chronological time, which integrates the growth of the human being from its organism, considering the frontiers between material and psychological reality, between the subject, and the culture, and the normal to the pathological. Freudian *Aufhebung* moviment allow us to understahow the Attention of an individual can be related to endogenous stimuli, can turn back to internal necessities and to external requests. There is a breack and a continuity between these two spaces. The language we highlight here are the frist words , brought to the baby by the person attentive to his manifestations, conceived as the one who introduces the dimensions in which the human being is inserted and who allows him to speak to anyone else. The conception on another the same as you and as a place and Another that transmites words give srise to the possibility of the growth of the dimensions of time and space in which the individual can make himself understood. The entry of time, which defines the human trajectory is decisivein the development of the psyche. This development is not linear, being disharmonious by nature. There are advances and retreats which do not respect cronology, but internal processes. So that which is characterised as normal or pathological, will be considered bearing this in mind. We will put in relief the hypotesis who mother does to her child ans its implications in the organization of individual ways to pay attention to the world and situate oneself in it. It is from this starting point that an individual must be heard. We assert that the psycoanalytical position, from our perspective, rather that assume the child demand , assumes the hypothesis that the child is capable of making a demand in his own name.

Idex terms: Psychoanalysis - word - attention - freudian *Aufhebung*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
ATENÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
1.1. Um tema, diferentes leituras	11
1.2. Desatenção, hiperatividade, impulsividade: problematizando o <i>DSM IV</i>	17
1.3. Desatenção, hiperatividade, impulsividade: para além do <i>DSM IV</i>	25
1.4. Mentes inquietas ou enigmas a serem decifrados?.....	30
CONTEXTUALIZAÇÃO DA ATENÇÃO NA OBRA FREUDIANA	
2.1. Uma leitura do aparelho psíquico a partir do texto freudiano.....	36
2.2. Uma leitura da Atenção a partir do texto freudiano	50
2.3. A Consciência, O Inconsciente e a Atenção	60
ATENÇÃO E LINGUAGEM	
3.1. A função da linguagem na Atenção.....	66
3.2. Freud, o Inconsciente e os chistes	71
3.3. Lacan, os chistes e o significante	78
ATENÇÃO, LINGUAGEM E DISCURSO TRANSITIVISTA	
4.1. A palavra que constitui o sujeito	82
4.2. Subjetividade e Atenção	86
4.3. A Atenção de um sujeito: transitivismo	91
OS CAMINHOS DA ATENÇÃO	
5.1. Por onde caminha a Atenção de Diana	96
5.2. A Atenção no conto A Carta Roubada.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

Mas estas crianças não são escutadas, foram escutadas: uma mãe que não tira sua criança dos olhos, como ela pode escutar? (Jean Bergès, 2008, p.113).

Luís é um garoto de 6 anos que chega para atendimento. O motivo do encaminhamento é a constante agitação e falta de concentração que dificultam sua vida escolar. Luís já passou por duas escolas. Está na terceira, e as dificuldades persistem. Em casa é desorganizado, não cuida de seus pertences pessoais, nem do material da escola. Às vezes, quando se dirigem a ele, parece estar em outro mundo.

Luís, Luísa, Alberto, Joana, Felipe... São muitos os que chegam aos nossos consultórios com a mesma queixa. Nas escolas, o número de crianças agitadas, inquietas, impulsivas e desatentas parece aumentar em progressão geométrica. Diante dessa constatação, tomados pelo espírito científico que orienta as ações dos profissionais de nossa época, não há hesitação quanto ao diagnóstico: transtorno do déficit de atenção. Com ou sem hiperatividade? Será preciso medicar? Os profissionais mais conscienciosos talvez ouçam a opinião de outros profissionais para definir pelo uso ou não de medicação.

Será feito, então, o diagnóstico multidisciplinar com auxílio de imagens sofisticadas que possam mapear o cérebro e confirmar o diagnóstico. A família, resignada, aceita o fato que o filho seja portador de

um transtorno e que deverá empenhar-se em conhecer as características desse tipo de funcionamento mental e adequar-se a ele.

A imediatez com que as manifestações sintomáticas são relacionadas ao nome de uma síndrome ou de um transtorno é algo constatado, frequentemente, na clínica. Se antes chegavam falando de suas queixas e seus sofrimentos, com a demanda de busca de um sentido para aquilo que não estava bem, hoje os sujeitos chegam aos consultórios com o pedido de confirmação de um diagnóstico de déficit ou de transtorno, buscando a confirmação das hipóteses levantadas. Há situações em que já chegam *diagnosticados* _ Estou com depressão. _ Meu filho é hiperativo. _ Meu marido tem síndrome do pânico.

Outras vezes, durante um atendimento, deparamo-nos com a necessidade de justificar nosso encaminhamento ao caso porque ele não corresponde às informações obtidas por meio dos veículos de massa e das publicações sobre a síndrome ou o transtorno em questão. Algumas situações permitem - nos levantar a hipótese de que essa confirmação é procurada justamente por não implicar a família e o próprio sujeito na sintomatologia apresentada.

A difusão no imaginário social de um vocabulário médico para definir emoções e sentimentos humanos, bem como para classificar as pessoas a partir das características diagnósticas de determinadas psicopatologias, traz consequências para a clínica.

Nas situações em que nosso trabalho é atravessado por esse conhecimento científico a respeito do *TDA* e *TDHA* que circula entre as pessoas, surge a inquietação e o desejo de fundamentar teoricamente algo que empiricamente é constatado na atividade clínica.

De certa forma, os diagnósticos de abordagem neurológica subtraem a responsabilidade da família e da própria escola. A criança, que no seu sintoma pede atenção, acaba tomando o lugar de portador de um distúrbio que vai justificar seu modo de lidar com as questões próprias à sua existência humana. Isso inclui as questões ligadas à aprendizagem e

escolaridade. Não raro, o fracasso escolar fica justificado pela existência de um déficit, no caso, de Atenção.

Essa inquietação levou - me a escolher o tema Atenção como objeto de estudo que resultou na monografia da formação em Psicopedagogia Clínica pela *Escola Psicopedagógica de Buenos Aires*. O mesmo interesse levou-me a participar de um projeto de pesquisa ligado à mesma Escola denominado *Situação Pessoa Prestando Atenção*. Esse projeto, de cunho não acadêmico, teve por objetivo analisar as representações sobre o *prestar atenção*. O instrumento de pesquisa foi o desenho, a criação de uma história e de um relato sobre o mesmo. O trabalho desenvolvido sobre o tema possibilitou ressignificar as idéias sobre a Atenção e problematizar o que se coloca como patológico no que diz respeito ao funcionamento da Atenção. O estudo apontou para a necessidade de um aprofundamento teórico, em especial no que diz respeito à compreensão da Atenção de um sujeito pensado pela ótica da Psicanálise.

O mesmo tema, a Atenção, é objeto da pesquisa teórica da presente dissertação. Buscamos, nesse trabalho, analisar a incidência dos diagnósticos de déficit de atenção e hiperatividade na atualidade. Para isso, propusemos como objetivo geral do trabalho, definir a função da Atenção na constituição do sujeito, partindo do campo teórico psicanalítico. Tratamos da escuta, que pode ser feita, pelos aportes teóricos dessa teoria.

Questionamos a diretividade do procedimento que prioriza o conhecimento da ciência cognitiva e da Psiquiatria, desconsiderando outras dimensões, a partir das quais a leitura da desatenção, da hiperatividade e da impulsividade pode ser feita. Consideramos que o lugar de onde se escuta o sujeito que é encaminhado para um diagnóstico é determinante na condução de cada caso clínico. Estamos considerando, nessa leitura, o sujeito, cuja verdade axial é inconsciente, conforme a referência à Psicanálise supõe.

Colocamos em destaque a função da linguagem tanto na constituição do sujeito quanto da Atenção no psiquismo.

Destacamos a função antecipatória da Atenção como condição para o pensamento e o pensar como forma de coibir a descarga motora que promove uma ação coordenada. É pela fala e pela linguagem que se promove uma escuta singular, conforme anuncia Freud, em sua teoria. Ao colocar em relevo a linguagem, apoiar-nos-emos em Jacques Lacan e outros autores contemporâneos que dão continuidade ao ensino do autor para fundamentar nossa argumentação.

Atribuímos como causa da propagação no imaginário social da existência de um transtorno de Atenção o crescimento de publicações a respeito desse tema bem como a facilidade de acesso ao *DSM*. Se até bem pouco tempo era acessível somente a psiquiatras e profissionais responsáveis pelos diagnósticos clínicos, hoje o Manual diagnóstico e estatístico dos distúrbios mentais (*DSM*) tem seu acesso facilitado ao público leigo por meio da internet.

No referido Manual, que se encontra em sua quarta edição - *DSM IV*, os problemas de Atenção e hiperatividade motora estão classificados como Transtorno do Déficit de Atenção (*TDA*) e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (*TDAH*). Utilizaremos essas siglas no decorrer do trabalho, sendo que as siglas *DDA* e *DDHA* serão usadas quando referidas aos relatos de casos extraídos de livros, nos quais são utilizadas.

Quanto à quantidade de publicações, há um crescimento expressivo. Bergès (2008) aponta a existência de trinta publicações sobre o assunto, entre 1960 e 1970, nos Estados Unidos e na Europa. Esse número aumenta para 700 publicações, entre 1970 e 1985. Em 1985, somam-se 500 novas publicações, totalizando 1200. Não sabemos a que número chegamos atualmente. Esse fato confirma a disseminação social do tema em questão, bem como o crescimento, no imaginário social, da idéia de Atenção e hiperatividade como transtornos de conduta.

A adesão aos enunciados dessas publicações permite a pais e educadores escolares opinarem sobre o assunto e, não raro, detectarem em seus filhos, ou em si mesmos, a existência do transtorno.

Em nosso trabalho, fazemos referência a uma dessas publicações sobre o Transtorno do *Déficit* de Atenção que tivemos a oportunidade de analisar. Trata-se de um *best seller* nacional que, segundo Lima (2005), permaneceu quinze semanas não consecutivas na lista dos mais vendidos da revista *Veja* na seção de auto-ajuda e esoterismo. É o livro *Mentes Inquietas* (2001), da psiquiatra Ana Beatriz Barros Silva.

Traremos alguns dos casos ilustrativos para justificar nossa concepção de Atenção, apontando para a diferença na escuta clínica dos sintomas apresentados.

Buscaremos colocar em contraste a visão de sujeito tomada pela ciência cognitiva daquela concebida pela Psicanálise.

Roudinesco, ao abordar o tema da ciência cognitiva, reporta-se à conferência proferida em 1980 por Georges Canguilhem, *O cérebro e o pensamento*. Nessa conferência, o autor não combate as ciências e seus avanços, nem os trabalhos sobre os neurônios, os genes ou a atividade cerebral. Combate, sim, uma abordagem eclética, na qual se misturava o comportamentalismo, o experimentalismo, a ciência da cognição, a inteligência artificial, enfim, a Psicologia que pretendia extrair seus modelos da ciência, tentando criar uma biotecnologia do comportamento humano que despojava o homem de sua subjetividade e procurava roubar-lhe a liberdade de pensar. Assim sendo, essa Psicologia não passaria de um instrumento de poder.

Para combater essa psicologia, Canguilhem apoiou-se em Freud. Mostrou que o pioneiro vienense fora o único cientista de sua época a teorizar a hipótese da existência do psiquismo a partir da noção de aparelho

psíquico. Assim, entre 1895, ano em que redigiu seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, e 1915, data em que elaborou sua metapsicologia, Freud registrou o fracasso dos projetos de sua época que tinham levado a fazer com que os processos psíquicos decorressem da organização das células nervosas. Por isso, mais do que nunca, distanciou-se da idéia de uma semelhança entre uma organização tópica do inconsciente e uma anatomia do cérebro. (ROUDINESCO, 1999, p.58).

O conhecimento científico, referido aqui àquele desenvolvido pela ciência cognitiva, inaugura um laço social que traz conseqüências importantes; uma delas, é a adesão a seus enunciados sem uma reflexão mais profunda a respeito deles, desconsiderando que há um sujeito que os enuncia.

Em relação ao laço estabelecido pela ciência, Lebrun (2004) propõe diferenciar a ciência como procedimento de conhecimento do discurso da ciência, que define como um laço social inaugurado pela existência desse tipo de conhecimento.

É o discurso científico sobre o *TDA* e *TDHA* que colocaremos em questão, fundamentando, a partir da Psicanálise, os aspectos que dizem respeito à condição subjetiva, que são desconsiderados na caracterização do transtorno.

Consideramos que, na busca pela universalização há uma perda na dimensão do que é próprio a cada sujeito. A Psicanálise, ao longo dos anos, tem sido o campo teórico que se ocupa da singularidade humana e que dará suporte ao nosso estudo.

Na epígrafe dessa introdução, Bergès afirma que uma mãe que não tira a criança dos olhos não pode escutá-la. No desenvolvimento dessa idéia, ele vai afirmar que, quando as crianças não são escutadas, a motricidade toma o lugar das palavras. Daí a hiperatividade e o aumento de crianças hiperativas na contemporaneidade. Como, então, podemos promover essa escuta?

O trabalho aqui apresentado está vinculado ao o projeto *Limites, fronteiras e endereçamentos entre mãe e criança*, da Professora Doutora Nanette Zmeri Frej, vinculado ao Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade Católica de Pernambuco.

O presente trabalho é de pesquisa teórica. Utilizamos a versão eletrônica brasileira da tradução inglesa de 1966, das obras completas de Sigmund Freud, editada originalmente pela IMAGO.

Trata-se de uma pesquisa teórica em cuja metodologia contemplamos inicialmente uma busca pelos textos de Freud que abordassem a Atenção.

A partir da pesquisa, procedeu-se ao estudo dos textos selecionando aqueles que atenderiam aos nossos objetivos.

Tomado como texto principal, *Formulação sobre os Dois princípios do funcionamento mental* (1911), serviu de eixo para a estabelecer relações com outros textos que complementaram a abordagem sobre a Atenção como *O Bloco Mágico* (1925[1924]), alguns capítulos do *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *A Negativa* (1925).

Ao mesmo tempo, procedeu-se à análise de livros sobre *TDA e TDHA* e o livro *Mentes Inquietas* (2001), foi selecionado para problematização do conteúdo apresentado.

A leitura e resumo dos textos que fundamentam a *Aufhebung* freudiana também foram estudados bem como trechos da tese de doutorado de Nanette Zmeri Frej, *Le don du nom et son empêchement - au sujet des enfants de rue au Brésil* (2003).

Constatada a necessidade de situar a Atenção em relação a uma concepção de aparelho psíquico na obra freudiana, o texto *O Ego e o Id* (1923) foi escolhido para contextualizar os princípios dessa teoria.

Para as reflexões sobre a contemporaneidade, definimos os autores Jean Pierre Lebrun e Charles Melman. Jean Bergés e Gabriel

Balbo foram os autores destacados para o estudo dos aportes teóricos psicanalíticos voltados à relação mãe e criança.

Na escrita da dissertação deparamo-nos com um impasse. Uma vez que os termos eu-ego; supereu-superego; psíquico-mental; são usados pelos tradutores da obra freudiana de uma ou de outra forma, ou empregariamos uma forma única ao longo do texto, ou seguiríamos o critério de fidelidade ao texto trabalhado. Optamos, por esse caminho, por tratar-se de uma pesquisa teórica, uma vez que, nas citações, assim como nas referências, deveríamos usar a formulação original.

No capítulo primeiro da dissertação, *Atenção e Contemporaneidade*, como propõe o título, fazemos uma leitura da contemporaneidade que coloca em relevo o laço social promovido pelo discurso científico. Analisamos as conseqüências desse discurso na economia psíquica de um sujeito. Nesse contexto, problematizamos a adesão aos enunciados científicos a respeito do Transtorno do *Déficit* de Atenção com e sem Hiperatividade partindo da Análise do *DSM IV*. Questionamos a concepção de Atenção contemplada no referido manual e apresentamos a Psicanálise como um lugar de leitura do sujeito, da Atenção, e das questões que se colocam como problemas de Atenção e hiperatividade motora. Colocamos em confronto a leitura do sujeito conforme proposto pela ciência cognitiva, com a concepção de sujeito dividido, proposta pela Psicanálise. Apontamos para as expressões sintomáticas que acompanham as mudanças no discurso social.

No segundo capítulo, *Contextualização da Atenção na obra freudiana*, partimos da explicação do movimento da *Aufhebung* freudiana, tomado como chave de leitura para os textos de Freud. Mostramos que desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) já é possível encontrar as bases que sustentam as idéias que Freud desenvolve ao longo de sua obra. Buscamos apresentar as idéias do autor sobre o funcionamento do aparelho psíquico e sobre a função da Atenção. Situamos a Atenção como função do Ego, que toma de empréstimo as forças do Id como se fossem suas e exerce controle sobre essas forças

pela censura superegóica. Colocamos em relevo a situação fronteiriça do Ego que intermedeia suas forças entre o mundo externo e o Id, retomando o movimento da *Aufhebung* freudiana que promove a criação de espaços para a circulação da energia psíquica ao mesmo tempo que permite a continuidade entre os referidos espaços. No texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, de 1911, abordamos as adaptações promovidas pelo aparelho psíquico para funcionar pelo processo secundário. Essas adaptações dizem respeito ao ganho de consciência e à instituição das funções da Atenção, Juízo, Memória, bem como à substituição da descarga motora aleatória por uma ação coordenada, voltada ao mundo externo. Situamos aí o pensar, promovido pela transformação da energia que circulava livre, em energia ligada. Aqui estabelecemos a função antecipatória da Atenção responsável pela ligação dos traços de memória às representações. A tarefa exploratória da Atenção antecipa o que será percebido no mundo externo, para confirmar ou refutar as representações psíquicas, bem como para buscar impressões e registrá-las na memória.

Os processos conscientes, pré-conscientes e inconscientes do funcionamento da Atenção também é abordado nesse capítulo.

No terceiro capítulo, *Atenção e Linguagem*, justificamos a importância que dada à Linguagem na leitura da Atenção. Retomamos Freud, no trabalho que empreendeu sobre os chistes como uma formação do Inconsciente para estabelecer as relações entre a Atenção, os processos inconscientes, a linguagem e o pensamento. O estudo dos chistes será a ponte para a leitura lacaniana da estrutura inconsciente e introdução do conceito de significante, do Sujeito lacaniano e da nossa concepção de subjetividade.

No quarto capítulo, *Atenção, linguagem e discurso transativista*, tratamos da concepção de sujeito, conforme enunciado por Lacan, desde sua origem, bem como explicitaremos a incidência da palavra como a ajuda estrangeira. Partimos da relação mãe e criança, situando o discurso transativista que inaugura o funcionamento da Atenção ao mesmo tempo

que situamos as idéias de função e funcionamento que tomamos para nossa conceituação de Atenção.

No quinto e último capítulo, *Os Caminhos da Atenção*, traremos outro relato do livro *Mentes Inquietas*, para abordar as questões relacionadas à Atenção e os problemas de aprendizagem e também o conto da *Carta Roubada*, apontando para a submissão da Atenção aos registros simbólicos.

Capítulo 1

ATENÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

1.1. Um tema, diferentes leituras

O tema da Atenção tem sido abordado ultimamente em uma série de publicações e trabalhos científicos, em especial no que diz respeito ao *TDA* e *TDHA* (Transtorno do *Déficit* de Atenção com e sem Hiperatividade).

Ao visitar algumas dessas publicações, deparamo-nos com um conteúdo que nos permite aproximá-los dos manuais de instruções que acompanham jogos e aparelhos eletrônicos. São manuais sobre como funcionam os portadores do transtorno e que instruem quanto ao modo de lidar com crianças, jovens e adultos diante de um problema, que levarão consigo pelo resto de suas vidas. Pretendem orientar o diagnóstico e indicar procedimentos adequados para lidar com as manifestações do quadro instalado. Funcionam como um guia de autoajuda para pais, educadores e profissionais que, diante da impulsividade e inquietude das crianças, se sentem incomodados, sem saber como manejar as situações que se apresentam. As sugestões, não raro, incluem o encaminhamento à terapia comportamental.

Em síntese, o que é proposto é um esquema de adaptação pessoal a uma determinada condição, que não respeita nem leva em conta a subjetividade, estabelecida pelo fato de aquele sujeito ser portador de um transtorno.

Em sua grande maioria, essas publicações de caráter científico reduzem a Atenção a uma função cerebral, passível de desregulações

químicas. O conceito de Atenção contemplado nas publicações baseia-se na concepção da mente segundo a qual o psíquico e o neural seriam faces do mesmo fenômeno, conforme prega a ciência cognitiva. Essa ciência, surgida nos EUA em 1950/60, teve grande repercussão, conforme afirma Roudinesco (1999). A autora explica:

[...] essa ciência apoiou-se também em várias disciplinas que estavam em plena expansão: a neurobiologia ou estudo dos mediadores químicos, que explicava o comportamento humano até o nível mais fundamental do organismo humano, isto é, o gene; a neurofisiologia, que se interessava pela significação funcional das propriedades do cérebro; a inteligência artificial, que estudava o raciocínio considerando o computador como modelo do funcionamento cerebral; e a neuropsicologia, ou descrição dos fenômenos patológicos ligados ao funcionamento da cognição. (ROUDINESCO, 1999, p.58).

O objetivo dessas disciplinas seria dar conta, de maneira universal, do funcionamento da atividade mental do homem a partir de uma caracterização do sistema nervoso como sistema físico-químico.

Conforme destacado na introdução desse trabalho, escolhemos o livro *Mentes Inquietas* (2001) como objeto de análise para justificar nossas colocações.

A autora utiliza a sigla *DDA* para unificar as diversas classificações utilizadas na caracterização do distúrbio do *déficit* de atenção. A desatenção é considerada o núcleo básico, comum e unificador para esse tipo de funcionamento mental, conforme ela mesma explica:

[...] resolvemos utilizar a sigla *DDA* para designar o Déficit de Atenção em toda sua gama de manifestações, bem como as pessoas que têm no termo *DDA* a representação de uma maneira de ser. Afinal, não se *tem DDA*, se é *DDA*. (SILVA, 2003, p.16).

Destacamos o trecho que afirma a existência de um modo de ser *DDA*. Essa idéia foi aos poucos assimilada pelos leigos e profissionais que buscam sempre se atualizar com as novidades da ciência.

Lebrun (2005) desenvolve a idéia da existência de uma modalidade de servidão voluntária, à qual nos submetemos, em relação ao discurso científico na contemporaneidade. Esse discurso, segundo o autor, organiza-se por um conjunto de enunciados que se apresentam como se nada mais devessem à enunciação, ou seja, a quem os produziu. Afirma que a prevalência do saber de enunciados tem como efeito promover o saber *última moda*. Existe, então, uma adesão ao enunciado sem que seja conhecido o processo pelo qual se chegou a fazer uma descoberta. O que conta é que se conheça o último produto. Os métodos utilizados e a origem das pesquisas ficam desconhecidos. Assim, a ciência pode prescindir de reter o trajeto que foi necessário para chegar a suas produções. Pelo laço social que cria, o discurso científico promove a adesão aos enunciados das publicações em nome de uma necessidade que os profissionais sentem de estar atualizados em um tempo marcado pelo excesso de informações. Sobre esse excesso, Bauman (2008) afirma ser impossível assimilar o volume de informação disponível hoje em dia, lembrando que um único exemplar da edição dominical do *New York Times* contém mais informação do que a que seria consumida por uma pessoa culta durante o século XVIII por toda a vida. Nos últimos trinta anos se produziu mais informação no mundo do que nos cinco mil anos anteriores.

Bauman (ibid.) refere-se também à quantidade de produções acadêmicas nas quais ou autores citados nas referências muitas vezes nem são lidos pelos autores do trabalho. Ele lembra que o sistema de

referenciamento mais amplamente utilizado pelos periódicos acadêmicos, e endossado por autoridades na área, não exige engajamento com a substância do texto referido e leva na prática o autor a citar nomes importantes a fim de impressionar o leitor.

Um dos casos apresentados no livro *Mentes Inquietas* (2001) ilustra bem a situação que sinalizamos, de adesão aos enunciados, cuja discussão retomaremos na sequência do trabalho:

Rafael era o primeiro filho de Sandra. Quando estava grávida, pensou que não demoraria muito até poder voltar a trabalhar. As amigas voltavam a trabalhar quando seus filhos completavam mais ou menos dois anos de idade, mas Rafael já estava com sete e consumia ainda mais as forças de Sandra como na época em que ele era bebezinho e precisava acordar para amamentá-lo, dar-lhe banho, enfim, quando a atenção dela deveria ser totalmente direcionada àquele pequeno ser indefeso. Só que, agora, era diferente. Não era mais o fato de ser indefeso que demandava tanto a atenção da mãe. Ele não parava. Corria, pulava, chutava e, quando estava sentado, remexia-se incessantemente, parecia não ouvir nada do que sua mãe lhe dizia. O pior para Sandra é que ele se metia vez por outra em atividades perigosas. Sandra não sabia dizer se ele realmente gostava de viver perigosamente já assim tão novo ou se ele não avaliava muito bem as questões em que se metia. Mas, até o momento de entrada na escola, Sandra achava que seu filho tinha esse temperamento difícil por sua incompetência materna e “falta de pulso”. Ou que então ela era realmente muito “mole”, reclamava muito e se cansava mais facilmente que as outras mães. Já tinha ouvido tantos comentários por parte de parentes, até mesmo do marido, que por fim concordou. Embora sempre remanescesse, lá no fundo, a certeza de que eles deveriam passar o dia inteiro com o Rafael para que soubessem do que ela tanto reclamava. Mas então, na escola, ela pôde avaliar melhor seu filho, em comparação com as outras crianças. Estas, realmente, pareciam mais tranquilas, mesmo as consideradas temperamentais pelas outras pessoas... Não demorou nada e logo começaram a surgir as queixas de Rafael. Indisciplinado para os professores, mal educado

para as outras mães e evitado pelos coleguinhas. Seus trabalhos eram em grande parte mal feitos e incompletos, embora, em alguns momentos, fossem impressionantemente os melhores da classe. Seu desempenho era completamente imprevisível. Sandra mudou para uma escolinha menor na 1. série. Não se passou muito tempo, depois das primeiras confusões a psicopedagoga do colégio chamou-a para uma conversa: seu filho tinha todos os sintomas do Distúrbio do Déficit de Atenção com hiperatividade/impulsividade e precisava de acompanhamento médico especializado. _ *Então era isso* _ murmurou Sandra. (SILVA, 2006, p.52).

Analisaremos a indicação feita pela psicopedagoga. O encaminhamento que faz já define um posicionamento prévio em relação à demanda que lhe é endereçada. Ela outorga ao conhecimento médico o poder de *cura* daquela criança. De posse de informações colhidas pelas publicações de caráter científico como o *DSM IV* ou mesmo de livros e artigos divulgados pelos veículos de massa, ela desconsidera seu saber de psicopedagoga e o saber da mãe sobre seu filho, e mesmo a possibilidade de um saber constituído na própria criança, que possibilitariam uma escuta diferenciada. Declara que, pelos sintomas apresentados, essa criança é *TDHA*. Seu enunciado cala as questões da mãe, que busca um sentido para a irrequietude do filho. Cala também suas próprias questões que, enquanto psicopedagoga, poderia fazer para que um outro caminho na compreensão das manifestações sintomáticas dessa criança pudesse ser trilhado. Impede fazer uma hipótese de um saber de sujeito constituído na própria criança, excluindo-a de um processo que, desse modo, tem por perspectiva não acontecer.

A psicopedagoga está no lugar de alguém a quem a mãe supõe um saber e com quem espera que haja uma interlocução. Essa interlocução, no entanto, está atravessada pelo discurso da Ciência. Esse discurso, em nome de promover a objetividade, destitui os interlocutores de sua condição de sujeitos, promovendo o seu apagamento.

Fernández (2002) atribui o adjetivo *clínico* à Psicopedagogia, cujo enfoque reconhece a existência de fenômenos inconscientes e, portanto, de transferência. A autora considera que esse enfoque significou um giro de grande importância sobre o questionamento da reeducação psicopedagógica que, em geral, só está a serviço de uma adaptação mecanicista. O adjetivo *clínico* faz referência, nesse sentido, a uma postura, a uma ética, a um modo de ler as situações e de intervir.

O que está em jogo, no posicionamento clínico, é uma determinada visão de sujeito. Fernández cita Filloux (1996) para explicar que o enfoque clínico, não está restrito ao campo analítico, mas que se estende às ciências humanas:

Um enfoque clínico é aquele que de fato se preocupa em entender um sujeito ou um tema singular. O que não significa que não se alcance um certo grau de generalidade. Porém, não se trata de generalidade no sentido de uma lei geral. Isso quer dizer que a palavra clínica remete a duas coisas: por um lado, uma escuta particular daquilo que sente um sujeito; em segundo lugar, a possibilidade de teorizar de maneira suficiente a partir do que se conhece e do que se compreende dos sujeitos. (FERNÁNDEZ, 2002, p 50).

1. 2. Desatenção, hiperatividade e impulsividade: problematizando o *DSM IV*

O Manual diagnóstico e estatístico dos distúrbios mentais (*DSM*) encontra-se em sua quarta versão (*DSM IV*), sendo que a primeira data de 1952.

Ao historiar a evolução do *DSM*, Roudinesco (1999) aponta para um primeiro momento, em que as conquistas da Psicanálise, bem como da psiquiatria dinâmica, eram consideradas na determinação dos distúrbios psíquicos e mentais. Os mesmos decorriam essencialmente da história inconsciente do sujeito, de seu lugar na família e de sua relação com o meio social. A partir dessa perspectiva, a causalidade orgânica era um dos aspectos na determinação das patologias. A psicofarmacologia era utilizada em associação com o tratamento pela fala ou outras terapias dinâmicas.

A autora atribui a mudança de perspectiva, na elaboração dos *DSM* seguintes, à tentativa de seguir, para o campo do psiquismo, o modelo no qual se apoia a Medicina. Esse modelo está definido pelo esquema: sinais – diagnóstico – tratamento. Sendo assim, as desarmonias psíquicas seriam equivalentes às doenças físicas, para as quais se busca uma cura. No que concerne ao psiquismo, no entanto, a sintomatologia não remete necessariamente a uma doença, mas a um estado, sendo que a cura não é outra coisa senão uma transformação existencial do sujeito.

Nas revisões posteriores do *DSM*, pode-se observar, na terminologia existente, a destituição daquela usada pela Psicanálise. Sendo assim, os conceitos psicose, neurose, perversão, foram substituídos pela noção de distúrbio e transtorno e as entidades clínicas abandonadas em favor de uma caracterização sintomática desses distúrbios.

No que se refere, especificamente, à etiologia do distúrbio do déficit de atenção, observaremos que o caminho percorrido para chegar à atual caracterização como transtorno, no *DSM*, também passa pela tentativa de atribuir uma conotação médica aos sintomas psíquicos.

Segundo Lima (2005), a primeira descrição, como condição médica, de condutas infantis específicas costuma ser atribuída ao pediatra inglês George Frederic Still, em 1902. Antes disso, os considerados maus comportamentos infantis eram remetidos à sua origem educacional. A partir de Still, surge a hipótese de herança genética; dessa forma, haveria uma causa biológica na determinação de distúrbios de conduta infantil. Essas hipóteses teriam sido reforçadas em função da pandemia de encefalite, ocorrida nos anos 1917-18.

O termo *hipercinético* teria sido usado pela primeira vez por Von Economo, em 1923, para caracterizar as sequelas da encefalite que acometeu crianças e adultos (Bergés, 2008). O referido termo era utilizado para definir os comportamentos caracterizados pela desordem dos movimentos incessantes, pela incapacidade de ficar num lugar, pela ausência de concentração, pelos problemas cognitivos, de memória e de aprendizagem. As dificuldades de convivência social, bem como a delinquência, também eram atribuídas ao comportamento hipercinético.

Situações como essas contribuíram com o estabelecimento da categoria *lesão cerebral mínima*, por Strauss e Lehtinem, em 1947. Esse termo abrangia os transtornos de comportamento, linguagem e aprendizado e seria, a partir de 1962, substituído por Disfunção Cerebral Mínima (DCM). Essa denominação foi dada em função da dificuldade na generalização de hipóteses localizacionistas cerebrais e da impossibilidade de, na grande maioria dos casos, identificar no cérebro a justificação dos transtornos de comportamento. Lima (2005) avalia que a imprecisão do termo disfunção cerebral mínima (DCM) possibilitou que nessa categoria estivessem incluídas crianças com conduta hiperativa, desatenta, antissocial ou com problemas de aprendizagem. Esse termo foi disseminado, a partir dos EUA, nos anos 60 e 70, e a tendência a explicar

as condutas infantis por um mau funcionamento ou uma imaturidade em seu cérebro cresceu rapidamente. No entanto, por ser considerada uma categoria diagnóstica imprecisa, que englobava situações clínicas diversas e discrepantes, a DCM foi paulatinamente sendo substituída por outras categorias mais específicas. O foco na hiperatividade leva à definição da categoria síndrome do impulso hipercinético, em 1957, por Laufer, Denhoff e Salomons.

Deve-se aos autores a primeira tentativa de descrever uma estrutura cerebral específica como sede da nova patologia: o tálamo, que não realizaria sua tarefa de filtragem dos estímulos que chegam ao sistema nervoso central. É criado o termo síndrome da criança hiperativa, em 1960, quando fica excluída a hipótese de dano cerebral e passa a ser considerada uma forma de hiperatividade fisiológica dos circuitos neurológicos (Barkley, 1997; Hallowell e Ratey *apud* Lima, 2005).

A síndrome hipercinética passa a constar do *DSM II*, em 1968, como reação hipercinética. Em 1978, no *CIE-9* (Classificação Internacional de Doenças), aparece como transtorno hipercinético. A partir do *DSM III*, é criado o termo Transtorno do déficit de atenção com e sem hiperatividade. Aparece, então, a desatenção como característica, junto com a hiperatividade. Em 1987, no *DSM III-R*, o termo usado passa a ser Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, sendo substituído no *DSM-IV* por Transtorno por déficit de atenção com ou sem hiperatividade. São descritos, a partir desses termos, três subtipos: tipo desatento, hiperativo - impulsivo e combinado.

Assim, a partir de 1978, no *DSM*, a idéia de síndrome hipercinética é substituída pela de síndrome de Atenção. A desatenção passa, desde então, a ser considerada o foco do transtorno, podendo ou não ser acompanhado pela hiperatividade, termo que substitui hipercinesia. É importante lembrar, no entanto, que a Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde preserva a ênfase na hiperatividade. No texto do CID - 10 há a justificativa da não utilização da expressão *déficit* de Atenção, alegando que ela

implica um conhecimento de processos psicológicos que ainda não está disponível e sugere a inclusão de crianças ansiosas, preocupadas ou sonhadoras, apáticas, cujos problemas são provavelmente diferentes. (OMS, 1993, p.256 *apud* LIMA, 2005).

Nas publicações que estão fundamentadas no CID, como é o caso de autores franceses contemporâneos que citaremos nesse trabalho, será usado o termo hipercinesia para referir-se ao transtorno.

Toda essa mudança nas definições e nos termos aponta para a grande dificuldade que existe na tentativa de organizar, sob uma mesma categoria de transtorno, a singularidade do sujeito humano. Busca-se caracterizar as condutas que desviam de um padrão estabelecido como normal na intenção de definir critérios padronizados que favoreçam o consenso entre os profissionais, no que se refere ao diagnóstico e tratamento.

Acompanhando a linha de pensamento de Bergés (2008), constatamos que o que foi estabelecido como norma para definir o normal naquilo que se refere à atividade motora, foi a escala de Gesell estabelecida e largamente utilizada a partir dos anos 40. Gesell propôs um paralelismo entre a maturação das estruturas do sistema nervoso e o desenvolvimento das funções. A função motora é fio condutor dessa evolução. A partir da evolução da função motora, avaliada pelos testes propostos por Gesell, são estabelecidos estágios e fases de desenvolvimento cognitivo, na expectativa da existência de uma harmonia entre as funções. Quando não há harmonia, fala-se em desarmonia de evolução e, para explicar a desarmonia, toma-se a mesma explicação que foi usada para explicar a harmonia. Passa a ser, então, o sistema nervoso a causa da desarmonia e aparecem então as patologias e a idéia de *déficit* para explicar a desarmonia no desenvolvimento de qualquer uma das funções psíquicas.

Apoiados na Psicanálise, abordaremos as questões de função e funcionamento, bem como a suposta harmonia no desenvolvimento de um sujeito que nos permitirá problematizar o determinismo desse pensamento,

uma vez que o que se perde nessa determinação é o próprio sujeito e sua história que é única.

Na atual versão, do *DSM IV*, são apontados três aspectos na caracterização do transtorno.

Emprestaremos trechos do *DSM IV* para identificar alguns dos aspectos que justificam nossa problematização:

A característica essencial do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade, mais freqüente e severo do que aquele tipicamente observado em indivíduos em nível equivalente de desenvolvimento. Alguns sintomas hiperativo-impulsivos que causam prejuízo devem ter estado presentes antes dos 7 anos, mas muitos indivíduos são diagnosticados depois, após a presença dos sintomas por alguns anos .(<http://virtualpsy.locaweb.com.br/>).

Vemos que é suposto um padrão determinado normal de Atenção para que se possa pensar em um padrão persistente de desatenção. Como é estabelecido esse padrão? Qual é o conceito de Atenção que contempla a desatenção? Da mesma forma, qual é o conceito de corpo e movimento subjacente à idéia de hiperatividade? Como é concebido o funcionamento psíquico que dá suporte a essa investigação? Colocamos aqui em questão uma abordagem que tende a explicar a conduta humana em termos biológicos, que nega a causalidade psíquica e exclui os acontecimentos particulares da vida de uma pessoa na determinação de uma sintomatologia.

Questionamos também a existência de um padrão normal de Atenção e de atividade motora, bem como a existência de um padrão linear e lógico do funcionamento psíquico. Como estabelecer uma relação de

padrão de Atenção por faixa etária sem considerar as mudanças sociais tão determinantes na constituição do psiquismo humano? Quais as consequências do estabelecimento de uma noção de tempo cronológica que desconsidera a temporalidade psíquica na determinação do que é normal antes ou depois dos sete anos de idade?

Destacamos um outro trecho do *DSM IV* que merece nossa análise:

A desatenção pode manifestar-se em situações escolares, profissionais ou sociais. Os indivíduos com este transtorno podem não prestar muita atenção a detalhes ou podem cometer erros por falta de cuidados nos trabalhos escolares ou outras tarefas. O trabalho freqüentemente é confuso e realizado sem meticulosidade nem consideração adequada. Os indivíduos com freqüência têm dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas e consideram difícil persistir em tarefas até seu término. Eles freqüentemente dão a impressão de estarem com a mente em outro local, ou de não escutarem o que recém foi dito. (<http://virtualpsy.locaweb.com.br/>).

Observamos que a objetividade pretendida nas categorizações abre espaço para a subjetividade do avaliador. Quais representações ele tem sobre a Atenção? O que ele toma como objeto de Atenção para definir a desatenção de uma pessoa? Ao avaliar, por exemplo, se um sujeito é atento a detalhes, o que ele estaria considerando como sendo os detalhes? Os seus critérios próprios de organização estarão em jogo ao definir o que é um trabalho confuso.

Uma vez que, para classificar um sujeito como portador do transtorno, o avaliador deverá observar a existência de seis ou mais dos aspectos comportamentais levantados pelo *DSM*, haverá necessariamente uma influência também do próprio lugar de onde, como profissional, ele se

situa para fazer a leitura dessas questões. Há, assim, uma implicação subjetiva daquele que avalia.

A respeito dessa implicação, fazemos referência a Jeruzalinsky (1989), para quem o desenvolvimento infantil é, teoricamente, um campo de caos conceitual:

Nos deparamos com conceitos tais como evolução do tônus muscular, reflexos e esquemas de ação, coordenações, hábitos, adaptação, dependência, independência, integração do ego, individuação, castrações sucessivas, maturação neurológica, entre outros. Esses incontáveis conceitos se superpõem e se amontoam sem que, em última instância, se saiba qual é o lugar e a importância que cabe a cada um deles, sendo, por outro lado, habitual que tal nível de importância seja definido simplesmente pela profissão, o interesse ou a ideologia do observador em questão. (JERUZALINSKY, 1989, p.13).

Retomamos aqui a questão relativa ao profissional, a quem a queixa se endereça. Em que lugar ele se posiciona e que leitura pode fazer das manifestações sintomáticas que se apresentam no sujeito que chega para uma avaliação?

Sua leitura define o encaminhamento de seu trabalho. Ao considerar a história de vida e as determinações inconscientes dos comportamentos que são observados, o caminho é diferente daquele seguido pelo profissional que vai buscar determinantes orgânicos para definir ou não uma patologia e tratá-la.

O enfoque clínico que nos propomos dar à questão coloca em jogo uma determinada concepção de sujeito, como abordamos anteriormente.

A marca, que singulariza qualquer produção humana, como explicam Guerra e Carvalho (2002), é a concepção de sujeito assumida. Tratando da investigação e interpretação científicas, as autoras consideram que:

(...) até o mais insignificante detalhe técnico escolhido, produzido e utilizado pelo homem se colocaria, inevitavelmente, como consequência da sua visão de si mesmo como sujeito e, mais especificamente, como sujeito da ciência, produtor de saberes. (GUERRA, CARVALHO, 2002, p.16).

Essa concepção de sujeito, afirmam ainda as autoras, é idêntica à concepção de sujeito subjacente ao dado produzido.

A adesão ao conhecimento produzido pela Neurociência tem por consequência uma concepção de sujeito cuja consciência exerce domínio e controle sobre si.

Ao fazer a opção pela Psicanálise, assumimos a concepção de um sujeito dividido, sujeito de desejo, cujas manifestações são produzidas pelo inconsciente.

Apontamos também para a questão transferencial, que é própria ao campo psicanalítico, e citamos Lacan, para quem a transferência é promovida pelo ato da palavra. Assim explica:

Em sua essência, a transferência eficaz de que se trata é simplesmente o ato da palavra. Cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena, há, no sentido próprio, transferência simbólica, ocorre alguma coisa que muda a natureza dos dois seres em presença. (LACAN, 1975, p.127).

1.3. Desatenção, hiperatividade e impulsividade: para além do DSM

Melman (2004) fala de um novo sintoma clínico que se observa tanto nas crianças como nos adultos, atualmente, que se trata de uma agitação que obriga as pessoas a se mexerem, a procurar um outro lugar. Afirma que os pediatras americanos nomearam hiperatividade motora a esse comportamento, tratando os portadores com Ritalina.

O autor leva-nos a pensar sobre essa hiperatividade como a hesitação quanto ao lugar subjetivo, ao lugar de morada do sujeito elevado à condição de sujeito do inconsciente.

Fernández (2001) aponta como um dos aspectos da subjetividade mais atacados pela sociedade atual a liberdade de pensar. Segundo a autora, esse ataque é lento, persistente e muito perigoso, porque ocorre imperceptivelmente entre os jovens e os adultos. Entre as crianças, ele se mostra de forma mais direta na escola, aparecendo como inquietude, falta de atenção e fracasso escolar. A mesma autora coloca como questão se as crianças de hoje seriam desatentas ou desatendidas enquanto sujeitos de desejo.

Com o sugestivo título *— Somos todos desatentos? —* Lima (2005) também atribui ao modo de vida contemporâneo e ao espírito científico de nossa época a passagem de uma cultura na qual a identidade estava referida aos critérios de desenvolvimento emocional interior para outra, a das bioidentidades, onde o critério normativo se remete aos padrões biológicos e aos predicados corporais. Nesse sentido, aponta para o *TDA/H* como uma forma de ingresso de crianças e adultos no registro de bioidentidades, mesmo que se trate de bioidentidade patológica, que se organiza corporalmente tal como as bulimias, anorexias e drogadição.

Somamos a essas as nossas considerações a respeito das consequências, na trajetória subjetiva, das mudanças sociais profundas que todos constatamos.

_Como está sendo possível ao sujeito humano atender-se, enquanto sujeito de desejo, uma vez que é o tempo todo convocado a atender aos apelos do discurso capitalista e aderir ao consumismo?

Em que medida o discurso científico se organiza no sentido de também atender a esses apelos, transformando o sujeito humano em um objeto manipulado?

Sobre essa questão, o sociólogo Bauman (2007) defende que, dentro do próprio capitalismo, existiu uma mutação. Da sociedade de produtores para a sociedade de consumidores. No primeiro modelo, o sujeito produzia mercadorias, sendo que, no segundo, ele é a própria mercadoria.

Ao explicar o consumo, lembra que suas raízes são tão antigas quanto os seres vivos sendo parte de todas as formas de vida. O consumo, no entanto, passa a tomar outra dimensão quando se torna o propósito da existência e passa a sustentar a economia do convívio humano. Bauman distingue, então, o consumo, que é basicamente uma característica e ocupação dos seres humanos do consumismo, que é um atributo da sociedade. Citamos o autor:

Para que a sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (alienada) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a sociedade de consumidores em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e consulta individuais. (BAUMAN, 2007, p.41).

Ao referir-se ao modelo da sociedade de produtores, principal modelo da fase *sólida* da sociedade da modernidade, Bauman afirma que o que se buscava era a segurança. A satisfação residia na promessa de uma segurança a longo prazo. Nesse sentido, a utilização do potencial de bens de consumo para oferecer conforto e segurança precisava ser adiada, quase indefinidamente para quando pudesse surgir a necessidade de usá-los. Esses bens precisavam ser laboriosamente montados, acumulados e estocados. A expectativa era a de um futuro seguro, alicerçado nos bens duráveis, que reverteriam a seus donos a confiança e o crédito.

Esse modelo, no entanto, não se ajusta ao da sociedade de consumidores. Ao contrário, ele se opõe, uma vez que associa a satisfação ao consumo imediato e à rápida substituição dos objetos destinados à satisfação. O consumo instantâneo e a remoção também instantânea de seus objetos harmonizam-se com uma nova liquidez de ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas num futuro previsível. O ambiente líquido - moderno, conforme afirma Bauman, é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. Sendo assim, tira do adiamento da satisfação seu antigo sentido de prudência e razoabilidade.

Que relações podemos então estabelecer entre essa mudança social constatada e as mudanças decorrentes na economia psíquica do sujeito humano?

Melman (2003) defende a mudança de uma economia psíquica, organizada pelo recalque, para uma economia organizada pela exibição do gozo, que implica deveres novos, impossibilidades, dificuldades e sofrimentos diferentes. Ele lembra que a descoberta de Freud foi a de que nossa relação com o mundo e com nós mesmos não é instalada por um objeto, mas pela falta de um objeto de eleição. É preciso passar por essa perda para ter acesso a um mundo de representação. Essa perda instala o limite que tem a propriedade de manter e sustentar o desejo do sujeito.

Se não há limite, não há mais interdito, nem objeto que se torne simbólico. O consumismo desenvolve a ordem lógica do não interdito.

Na perspectiva que aqui defendemos, a função do pai é tomada como aquela que separa a criança da mãe introduzindo as leis da troca. É essa operação que prepara a criança para a vida social e a troca generalizada que constitui essa vida, seja no plano das relações afetivas ou de trabalho.

O desejo, organizado pela falta simbólica, passa a apresentar-se na relação imaginária com o semelhante, possuidor do objeto ou objetos suscetíveis de causar inveja. É nesse sentido que Melman (Ibid.) considera a inveja o motor social e grande motor do pensamento que denuncia as assimetrias em proveito de um igualitarismo que é a imagem da imobilidade e da morte.

Seguindo o pensamento do autor, constatamos que o preço que se paga por isso diz respeito ao sujeito, ao Eu e ao objeto. O sujeito do inconsciente, que é animado pelo desejo, perdeu seu abrigo, sua casa, o lugar onde podia se sustentar.

Temos observado o aparecimento de manifestações sintomáticas nas crianças e nos jovens decorrentes de um evitamento do trabalho psíquico para lidar com o conflito próprio à condição humana. As novas expressões sintomáticas acompanham as mudanças no discurso social.

Martine Lerude (2008) apresenta uma distinção entre as manifestações sintomáticas e o sintoma, conforme apresentado por Freud, que teria a conotação da expressão de um conflito inconsciente. A modalidade de endereçamento ao Grande Outro é o que diferencia os dois termos.

O sintoma implica o reconhecimento do próprio sujeito de sua retomada singular pela linguagem. Depende de uma enunciação e não de um enunciado. Já as manifestações sintomáticas tomam as cores de outra modalidade que leva a um plano mais opaco e ilegível da organização

estrutural. Há uma intrincação dos discursos que tomam a criança como um objeto a ser educado para ser feliz.

Os distúrbios, no entender de Lerude, levam a criança para um novo lugar, que tem consequências sobre a subjetividade.

Situamos os considerados distúrbios de Atenção e a hiperatividade, na atualidade, como estando no campo das manifestações sintomáticas que revelam as dificuldades encontradas na realização do trabalho psíquico. Diante dessas manifestações, Marika Bergés (2008) aponta para as diferentes posições que um clínico pode tomar.

A posição psicoterapêutica procuraria responder à demanda dos pais, colocando-se a serviço da norma, do desaparecimento do sintoma e da adaptação, sob suas formas escolar, familiar e social.

Já a posição psicanalítica é, mais do que supor uma demanda da criança, fazer a hipótese de que ela é capaz de fazer uma demanda em seu nome.

O que especifica a posição psicanalítica é escutar a palavra da criança, supondo-a de início num lugar de sujeito.

1.4. Mentas inquietas ou enigmas a serem decifrados?

Traremos em cena outro relato extraído do livro *Mentas Inquietas*, já referido nesse trabalho. Trata-se do depoimento de George, um rapaz de 26 anos, considerado portador do *TDA* e apaixonado por *hardware* de computadores.

Minha namorada estava com um problema no computador. Um componente estava mal instalado e ela não conseguia conectar a Internet. Logo me prontifiquei para ir a casa dela ver se podia consertar. Eu fiquei lá, absorto, futucando a máquina, nem me dei conta de que os familiares dela tinham saído para um compromisso. Estávamos a sós, e não nos víamos há quase uma semana, mas eu estava teimando com o computador. Ela chegou por trás, me beijando o pescoço, me acariciando e eu completamente focado na máquina. Ela continuou, me tirou a blusa... finalmente virou a minha cadeira e aí é que eu me dei conta. Levei aproximadamente uns cinco minutos para perceber uma situação que você normalmente capta em segundos! A minha sorte é que ela conhece essa minha característica e até hoje lembramos esse episódio e damos boas risadas. (SILVA, 2003, p.23).

A autora do livro apresenta esse caso para afirmar que o uso do termo *Déficit*, para designar o transtorno da atenção, não seria adequado, uma vez que esse termo traz consigo a idéia pejorativa de uma deficiência absoluta e imutável. Ela sugere o termo instabilidade da Atenção por considerar que, como no caso de George, em algumas atividades ou assuntos que são de seu interesse, pode haver uma hiperconcentração da Atenção e haverá dificuldades para que essa Atenção seja desviada. A explicação, então, dessa forma de funcionamento de Atenção, hiperconcentrada em alguns momentos e desligada em outros, estaria no

fato de o rapaz em questão *Ser* um *TDA*, o que justificaria essa sua característica, como ele mesmo vem afirmar.

A essa leitura, que considera o ato psíquico somente pelos aspectos conscientes e observáveis, uma outra seria possível. Na situação apresentada, não se consideram as determinações inconscientes que poderiam levar George a prestar mais atenção aos computadores do que à namorada.

Freud relaciona a recusa a aceitar o caráter inconsciente dos atos psíquicos latentes ao fato de que a maioria dos fenômenos estudados por ele, a partir da Psicanálise, não foram objeto de estudo fora desse âmbito. Os atos falhos, juntamente com os sonhos, permitiu ao autor estender à vida psíquica normal, as descobertas que fez, inicialmente, em relação às neuroses. Justifica a suposição psicanalítica a respeito da atividade psíquica inconsciente como uma nova expansão de animismo primitivo, que nos fez ver cópias de nossa própria consciência em tudo o que nos cerca e, por outro, como uma extensão das correções efetuadas por Kant em nossos conceitos sobre percepção externa. Explica que:

Assim como Kant nos advertiu para não desprezarmos o fato de que as nossas percepções estão subjetivamente condicionadas, não devendo ser consideradas como idênticas ao que, embora incognoscível, é percebido, assim também a psicanálise nos adverte para não estabelecermos uma equivalência entre as percepções adquiridas por meio da consciência e os processos mentais inconscientes que constituem seu objeto. Assim como o físico, o psíquico, na realidade, não é necessariamente o que nos parece ser. (FREUD, 1915, p. 197).

Se considerarmos que a realidade não é necessariamente o que nos parece ser, podemos reconhecer que, além dos determinantes conscientes que justificam a orientação da Atenção àquilo que se refere ao

computador, em função do seu interesse pelos eletrônicos, há algo que não pode ser totalmente explicado porque diz respeito às determinações inconscientes, presentes em nossos atos cotidianos. Os determinantes inconscientes estão situados na lógica do desejo e do recalque.

No caso relatado acima, poderíamos considerar como determinante consciente, como já observado, o interesse por computação, que faz o jovem dedicar-se compulsivamente a essa atividade. Como inconsciente, poderíamos pensar, sem o intuito de uma interpretação, que essa hiperatenção à atividade com o computador poderia ser uma forma de evitar o confronto com o próprio desejo. Assim, estamos supondo um sujeito, conforme a psicanálise propõe.

Distinto do indivíduo, tal como nós o percebemos comumente, o sujeito, em Psicanálise é o sujeito do desejo que Freud descobriu no inconsciente. Lacan dá um novo estatuto ao sujeito de desejo, situando-o como efeito da imersão da criatura humana na linguagem. Esse sujeito é suposto, sendo necessário distingui-lo tanto do indivíduo biológico quanto do sujeito de compreensão. (CHEMAMA; VANDERMERCH, 2007, p.361).

Na nossa abordagem, tomamos o sujeito conforme concebido por Lacan. Um sujeito que ex-siste na linguagem, mantém-se fora da linguagem ao preço de uma perda. Aprofundaremos, em capítulos posteriores, essa noção de sujeito em Lacan.

Colocamos aqui em confronto a leitura feita pela abordagem neurocientífica que considera somente o que é observável nos atos psíquicos, desconsiderando as formações inconscientes.

A partir da Psicanálise, a consciência deixa de ser pensada como sendo soberana no psiquismo sendo que o Eu não é autônomo no seu funcionamento. O ser do psíquico se desloca, a partir da Psicanálise, da consciência e do Eu para os registros do inconsciente e da pulsão, que passam a regular materialmente o ser do psiquismo.

Birman (1997) explica o descentramento do sujeito em Psicanálise a partir de três diferentes suportes para a função de sujeito,

que são: o descentramento da consciência para o inconsciente; o descentramento do eu para o outro e o descentramento da consciência, do eu e do inconsciente para as pulsões. Seguiremos o pensamento do autor ao explicar a função de sujeito na Psicanálise, para melhor situarmos o sujeito lacaniano.

O autor lembra que Freud encontrou um espaço experimental onde o sujeito perdia sua unidade no campo da consciência e estava impedido de realizar ações consequentes nas suas relações com o mundo. Havia perturbações da consciência que implicavam alterações nas dimensões da representação e da vontade. A hipótese freudiana admitia a existência de representações inconscientes além das conscientes, de forma que a consciência seria uma qualidade do psíquico, fundamentalmente inconsciente.

O que o discurso freudiano denominava realidade psíquica, em contraposição à realidade material, remetia ao inconsciente. A consciência seria descontínua e, no contexto dessa descontinuidade, o inconsciente manifestar-se-ia nas lacunas desses intervalos. A hipótese do inconsciente pressupunha, então, uma *divisão do sujeito* de caráter estrutural, pois transcenderia o campo da patologia mental e evidenciar-se-ia na experiência psíquica normal por meio das formações do inconsciente: o sonho, o lapso, o sintoma, o chiste, o ato falho.

Birman propõe então que há uma decalagem na teoria freudiana entre a tópica do inconsciente e a instância do Eu. O deslocamento do psiquismo da consciência para o inconsciente não implicou o descentramento completo do sujeito. A partir de 1914, com o texto *Para introduzir o narcisismo*, uma teoria do Eu teria começado a se constituir em Psicanálise. Enunciar o conceito de narcisismo é formular que o Eu é uma instância psíquica erotizada e regulada pelo princípio do prazer. Assim, as pulsões do Eu passam a ser consideradas as pulsões sexuais. Sua função adaptativa, transcendente e autônoma é colocada em questão justamente porque o que é enunciado no primeiro plano da teoria é a sua inserção do na balança energética libidinal, que oscila entre o Eu e os objetos. É o

locus do investimento, afirma o autor, que a qualifica, mas sua regulação é feita pelo princípio do prazer. O investimento do prazer se realiza nos campos dos objetos e do Eu, em função das demandas da satisfação.

Com o narcisismo, formula-se que o corpo e o sujeito se constituem a partir de um outro humano. Sem o outro não existe o Eu. No capítulo inicial do ensaio sobre o narcisismo, Freud enuncia que o Eu não é originário, mas apenas a dispersão e o pluralismo das pulsões autoeróticas. Então, para se conceber a transformação das pulsões autoeróticas na unidade narcísica denominada Eu, seria necessário uma nova ação psíquica, constituída pelo aporte do outro. Seria o outro, pela sua antecipação, que tornaria possível a emergência do Eu. Enfim, para o discurso freudiano, a constituição do Eu realizar-se-ia apenas pela antecipação e pelo investimento das figuras parentais no bebê, de forma a transformar o autoerotismo em narcisismo.

Posteriormente, esse discurso delineou uma outra instância de alteridade do sujeito e que acentuava mais ainda o seu descentramento; o Supereu. O que evidencia esse conjunto de figuras do sujeito não é apenas a multiplicidade e diversidade de sujeitos no interior do indivíduo, mas também a ênfase de que a produção do sujeito se realiza pelo outro, mesmo que exista o autocentramento do Eu como um de seus efeitos e suas cristalizações no psiquismo.

A identificação passa a ser concebida como um mecanismo psíquico normal, constitutivo do Eu. Em 1923, em *O Ego e o Id*, texto que tomaremos nesse trabalho para contextualizar sua teoria, Freud enuncia essa tese de que o Eu seria um conjunto de identificações. Podemos dizer que a identificação indica não apenas a presença, mas também a efetividade do outro no sujeito e no corpo, de maneira que podemos dizer que *eu sou o outro*.

Nessa perspectiva, o discurso freudiano pode enunciar que não existe oposição entre Psicologia individual e coletiva, justamente porque enuncia o campo possível de emergência do registro da alteridade. A oposição no campo do sujeito dar-se-ia entre interioridade e exterioridade,

entre sujeito regulado pelo Eu ideal e sujeito figurado como ideal do Eu e Supereu. Seria esse contraponto que marcaria os destinos do sujeito entre os polos dentro e fora, entre interioridade e exterioridade, indicando a dialética fundamental de produção e de reprodução do sujeito entre as pulsões e o outro. Enfim, o sujeito não seria a causa de si mesmo, pois dentro se constitui pelo fora, a interioridade pela exterioridade.

O terceiro suporte à função de sujeito apresentada por Birman é a do sujeito descentrado na pulsão. Com a construção do circuito pulsional de satisfação é que se constitui o sujeito regulado pelo princípio do prazer, delineando o sujeito como sendo destino na representação. O campo social seria marcado pelo intervalo entre as exigências pulsionais e as formas constituídas de subjetivação. O que está em pauta é a figuração de um sujeito da diferença que se confronta permanentemente com as formas exigentes de subjetivação, em busca da possibilidade de se constituir como singularidade.

Capítulo 2

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ATENÇÃO NA OBRA FREUDIANA

2.1. Uma leitura do aparelho psíquico a partir do texto freudiano

O movimento da *Aufhebung* freudiana, conforme apontado por Frej (2003), guiará a leitura que faremos do texto freudiano. Essa leitura compreende o funcionamento humano como constante criação de fronteiras e espaços. É por esses espaços em continuidade que a Atenção do Ego (Eu), submetido às ordens do Superego (Supereu), pode ir de encontro às incursões das energias provenientes do Id (Isso). Consideramos que os lugares mencionados, correspondem à hipótese freudiana do funcionamento psíquico, e partimos deles, para propor uma leitura que considera os espaços demarcados pelas vicissitudes da circulação da energia psíquica.

Frej (2003) afirma que os termos *Aufhebung* (substantivo) e *aufheben* (verbo) estão presentes na obra freudiana em sua versão original, na língua alemã. Trata-se de uma questão de termos. Considerando que as edições brasileiras da obra de Freud, quando da tradução do verbo *aufheben*, assim como do substantivo *Aufhebung*, não levaram em consideração o sentido dialético contido nas palavras referidas Frej (2003) propõe em sua tese que a versão para o português siga a que foi proposta pelo Padre Paulo Meneses da Universidade Católica de Pernambuco. Assim, Pe. Paulo Meneses propõe que, em língua portuguesa, *suprassumir* e *suprassunção* contêm em si a negação do que se conserva pela própria negação.

De acordo com Frej (2003), nas ocasiões em que usa os termos em questão, Freud afirma que as linhas de fronteira estabelecidas entre os diferentes espaços não estão nitidamente demarcadas, conforme já

mencionamos anteriormente. É justo no momento do estabelecimento das referidas fronteiras que os termos são empregados.

No texto *O mal-estar da civilização* (1930[1929]), ao abordar a criação dos espaços interno e exterior ao sujeito, Freud afirma que os objetos vão ser situados nesses espaços criados pela *Aufhebung*. Aí ele coloca o próprio verbo em ação: ele escreve *aufheben*. Esse é o momento de constituição do Ego. Este termo, *Aufhebung*, faz fronteira - fronteira entre realidade interna e realidade externa. Em sua leitura do texto de Freud, Frej afirma que o termo *Aufhebung* não está limitado à fronteira que constitui o espaço interno e o externo ao corpo do sujeito. Ela explica:

Levando em conta uma temporalidade que não segue uma cronologia, mas uma lógica, uma outra fronteira já terá sido estabelecida de modo que essa segunda a repete em outro domínio. (FREJ, 2005, p.4).

Frej (2005) refere-se então ao *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), no qual Freud aponta a *Aufhebung* presente no processo que, condicionado à intervenção do outro semelhante e ao aporte da palavra, transforma o organismo em ser humano.

O terceiro momento que a autora aponta como sendo gerador de espaços é aquele que situa a criança na sociedade e na cultura, diz respeito ao texto *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1923). Ao tratar dos efeitos do desenrolar do Complexo de Édipo, Freud os condiciona à *Aufhebung* do referido complexo. Esse movimento, afirma Frej (2003), não se confunde com a operação do recalque, mas o ultrapassa, contém-no e cria mais uma fronteira: a do normal com o patológico. E continua pontuando o texto de Freud, que afirma ser esta fronteira nunca nitidamente delimitada.

Retomando o que escrevemos acima, as fronteiras criadas no percurso da *Aufhebung* produzem-se junto à conjugação das instâncias Id, Ego e Superego, permitindo a continuidade entre elas. Assim, uma parte do Id transforma-se em Ego e uma parte do Ego constitui-se em Superego. Ao mesmo tempo, essas instâncias são formadas em conjunção com o somático. Esses diversos lugares são marcados também pelo Inconsciente que, como colocamos, resulta dos caminhos próprios do complexo de Édipo. Ora, se o percurso do Édipo não culmina com o recalque, este está contido em seu trajeto. É a operação mesma do recalque, do recalque articulado à dissolução do complexo de Édipo, que funda o inconsciente e faz oposição a que representações inconscientes possam tornar-se conscientes. Assim, com o inconsciente que, junto com o sistema consciente, recebe uma marca da primeira tópica, o Ego que é situado como fazendo parte da segunda tópica já é apresentado, em 1895, no *Projeto para uma Psicologia Científica*, com as características mostradas por Freud ao longo de sua obra. Temos então um pequeno viés que demonstra o entrelaçamento das chamadas primeira e segunda tópica. Não anulando os lugares, fazem deles um *continuum* marcado por fronteiras que os especificam. Essa interpetração dos lugares é subsumida pelo termo *Aufhebung*.

Frej (ibid.) destaca que é a palavra que impulsiona a *Aufhebung* e circula nos espaços e fronteiras que os separa, produzidos pelo referido movimento.

Tomando sob essa perspectiva a obra freudiana, permitimo-nos pensar sobre a Atenção desde seu estabelecimento num tempo não cronológico, que integra o surgimento do humano a partir de seu organismo, considerando as fronteiras entre a realidade psíquica e a realidade material, entre o sujeito e a cultura e entre o normal e o patológico.

O tema do inconsciente permitirá que façamos a intermediação entre os lugares aos quais nos referimos e ao processo de Atenção de um sujeito humano.

Enquanto elaborava o *Projeto para uma Psicologia Científica*, em 1895, texto que foi publicado cinquenta anos após ter sido escrito, Freud trocava correspondência com Wilhem Fliess. Em uma de suas cartas, com data de 27 de abril de 1895 (Freud, 1950a, Carta 23), o autor relata estar demasiadamente absorvido pela sua Psicologia para Neurologistas. Demonstra então a sua intenção, como médico, de estabelecer parâmetros científicos para nortear a compreensão do funcionamento psíquico.

Na continuidade dessa correspondência a Fliess, além das queixas relacionadas ao trabalho exaustivo que teve, ao formular as ideias que seriam as bases da Metapsicologia, Freud expressa sua alegria ao deparar-se com a coerência das hipóteses que estabelece. Podemos constatar que, já nesse primeiro trabalho, publicado em 1950, como *Projeto para uma Psicologia Científica*, é possível encontrar as ideias fundamentais de sua concepção sobre o aparelho psíquico. Na carta 32, de 20 de outubro de 1895, também endereçada a Fliess, Freud afirma:

Tudo pareceu encaixar-se e as engrenagens se ajustavam, dando a impressão de que o conjunto era realmente uma máquina que logo começaria a andar sozinha. Os três sistemas de neurônios, as condições livre e ligada da quantidade, os processos primário e secundário, as tendências principal e de compromisso do sistema nervoso, as duas regras biológicas da atenção e da defesa, as indicações de qualidade, realidade e pensamento, o estado dos grupos psicosexuais, a determinação sexual do recalçamento e, por fim, os determinantes da consciência como função perceptiva — tudo isso se coadunava e ainda se coaduna!

É claro que mal posso conter minha alegria. (FREUD, 1950 [1895], p.303).

Ao seguir os parâmetros da Neurologia, Freud parte do modelo do arco-reflexo e de outros conceitos implícitos no modelo da Fisiologia como o de estímulo e descarga motora, para sua investigação sobre o funcionamento psíquico. Segundo esse modelo, um estímulo aplicado ao tecido vivo (substância nervosa), a partir de fora, é descarregado por ação para fora. No texto *Os Instintos e suas vicissitudes* (1915) Freud afirma que essa ação é conveniente na medida em que, afastando a substância estimulada da influência do estímulo, a remove de seu raio de atuação.

O arco supõe a existência de duas extremidades: a sensória, em que é recebida a excitação, entendida como quantidade, e a outra, a extremidade motora, em que é liberada a energia recebida com uma resposta imediata do organismo. Entre as duas extremidades instala-se uma tensão que é sentida como excitação e desaparece com a descarga motora. Esse processo cumpre um trajeto em forma de arco e traduz-se em: receber a energia e descarregá-la com o objetivo de eliminar a tensão de modo a que esta retorne ao nível zero. No entanto, para atender às necessidades da vida e para que possa sobreviver, o organismo deve ser capaz de armazenar uma quantidade de energia de modo a permitir o trabalho de sua transformação. A transformação supõe um trabalho psíquico, que tem por consequência a unificação de partes das pulsões, constituindo um corpo. Ao abordar a vida psíquica, Freud inclui os aspectos orgânicos e corporais no seu funcionamento. Essa inclusão é demonstrada quando ele conceitua pulsão:

[...] um 'instinto' [pulsão] nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915, p.142).

O psiquismo trabalha no sentido de obedecer a esse princípio até a descarga total da tensão, o que nunca será possível, pois a excitação proveniente da pulsão é constante e sua ação nunca para de se exercer. A tendência do psiquismo será sempre a de trabalhar no sentido de redução da tensão. Assim, faz-se necessário acumular energia para que algumas funções se exerçam no sujeito de modo a protegê-lo contra o excesso de estímulos.

Se, de modo hipotético, isolarmos o movimento reflexo dos demais funcionamentos do ser humano a um estímulo que atinge o organismo, corresponderá uma resposta reflexa imediata. No entanto, considerando que o funcionamento psíquico do ser humano é regido pelo princípio do prazer, a descarga deverá ser contida. O organismo deverá suportar o acúmulo de tensão. Com a tensão acumulada, a energia livre ligar-se-á de modo a desenvolver certas funções que deverão entrar em ação. Estamos fazendo referência ao princípio do prazer estabelecido por Freud como um dos princípios do funcionamento psíquico. Até esse momento abordamos a dimensão da economia na Metapsicologia freudiana, que diz respeito às intensidades provenientes dos estímulos e ao processo primário de funcionamento.

No psiquismo humano, a tensão acumulada é transformada em força de trabalho. O trabalho psíquico tem como uma de suas funções realizar um adiamento da descarga. Colocamos aqui em relevo essa questão que terá muita importância em nosso trabalho, mais precisamente quando nos referirmos à hiperatividade motora.

Podemos afirmar que já no ano em que escreve seu *Projeto para uma psicologia científica*, conforme destacamos na carta 32 a Fliess, Freud refere-se às condições livre e ligada das quantidades de energia, que acontecem sob o modo de funcionamento primário e secundário, respectivamente.

Ao formular a existência de um processo secundário, vinculado ao princípio de realidade, Freud passa a considerar também as qualidades psíquicas, além das quantidades de energia, e delimita formas distintas de

organização e funcionamento do aparelho por ele hipotetizado. Encontramos aqui um núcleo que contém, condensa, e de onde provêm os modos de funcionamento da economia psíquica. Do modelo do arco-reflexo em direção ao trabalho psíquico que acontece por meio das representações.

Laplanche e Pontalis (2004) orientam-nos a seguir a definição dada pelo próprio Freud sobre representação, por considerá-la a mais precisa: *A representação de coisa consiste num investimento, se não de imagens mnésicas diretas da coisa, pelo menos no de traços mnésicos mais afastados, derivados dela* (p.450).

Chemama e Vandermersch (2007) lembram-nos de que Freud vai diferenciar esse termo da Filosofia, que concebe a representação como o conteúdo concreto de um ato de pensamento, para explicá-lo a partir da hipótese do Inconsciente. Segundo os autores, a representação é o que se inscreve no Inconsciente sob a forma de traço mnésico e constitui-se como um investimento desse traço, podendo ser pensado metaforicamente como um sistema de escrita. Ao tratar do tema da representação, os autores lembram-nos de que Freud distingue representação de palavra de representação de coisa.

As representações de palavra possibilitam a associação de uma imagem verbal a uma imagem mnésica, o que resulta no índice de qualidade específico da consciência. A idéia de representação de palavra e de coisa está no mesmo circuito dos modos de funcionamento.

Laplanche e Pontalis (ibid.) trazem novamente Freud, em um trecho de *O Inconsciente* (1915) para explicar que: *a representação consciente engloba a representação de coisa mais a representação de palavra correspondente, enquanto a representação inconsciente é apenas a representação de coisa.* (p. 451).

Outra idéia que será constante na obra de Freud, e que já é apontada na carta a Fliess sobre a qual nos referimos acima, é a relação entre as indicações de qualidade e a consciência, realidade e pensamento.

Como vimos, a palavra é responsável pelo índice de qualidade no aparelho psíquico, sendo o que permite a passagem de processo primário ao processo secundário, do índice de percepção à identidade de pensamento.

Na carta, Freud faz referência à Atenção e à defesa como funções biológicas. A Atenção, posteriormente, será vinculada ao trabalho de ligação da energia psíquica.

A essas primeiras idéias apresentadas no *Projeto para uma Psicologia Científica*, quando Freud se preocupava em estabelecer parâmetros neurológicos para o funcionamento psíquico, ele dará continuidade no decorrer de sua obra, passando a dar ênfase aos aspectos psicológicos do psiquismo humano.

Ao projeto de um aparelho concebido a partir de trocas e movimentos de quantidades de energia, Freud estabelece áreas de ação psíquica dessas energias bem como o dinamismo desse movimento de energia.

Freud dá o nome de Id, à instância que contém tudo o que é herdado, não só no sentido genético, mas também no sentido da anterioridade que constitui cada sujeito humano no que concerne à sua ascendência. Essa herança se acha presente no nascimento, sendo o lugar onde os estímulos encontram uma primeira expressão psíquica. A esse respeito, Freud já assinalava em 1923 :

Ele [o ego] retira libido do id e transforma as catexias objetais deste em estruturas do ego. Com a ajuda do superego, de uma maneira que ainda nos é obscura, ele se vale das experiências de época passadas armazenadas no id (FREUD, 1923-25, p.72).

O Ego constitui-se como um desenvolvimento do Id que, sob influência do mundo externo, faz surgir essa organização especial, que atua como intermediária entre os lugares referidos: Id e mundo externo.

Freud definiu como principais características do Ego o comando do movimento voluntário e a autopreservação. Essa organização apoia-se na distribuição de energia psíquica, aquela energia proveniente de estímulos externos, cuja elevação se evita por meio de fuga, produzindo modificações no mundo externo, ou, então, provenientes do mundo interno, controlando as exigências pulsionais. Esse controle promove o adiamento da satisfação para ocasiões mais propícias. Assim, tem por função evitar o desprazer e buscar o prazer.

A terceira instância, denominada Superego, institui-se a partir do Ego, à medida que dele se diferencia. É um agente especial, decorrente da influência dos pais, em função do grande período de dependência ao qual o ser humano é submetido. À medida que se diferencia do Ego, ou que se opõe a ele, o Superego constitui-se numa terceira força a incidir sobre o Ego.

Ao Ego Freud atribui a grande responsabilidade de satisfazer simultaneamente as exigências do Id, do Superego e da Realidade, na busca de conciliar essas exigências.

No texto *O Ego e o Id* (1923), Freud estabelece as relações entre essas instâncias psíquicas e atribui ao Ego a organização coerente dos processos psíquicos, bem como sua ligação com a consciência. Além do controle à motilidade, o Ego supervisiona seus processos constituintes. A censura, procedente do Superego, tenta excluir algumas tendências do psiquismo e, como o próprio autor afirma, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade.

Mesmo fortemente ligado à consciência, Freud sinaliza a existência de algo no próprio Ego que é inconsciente e comporta-se como o recalado. Freud fala de um *desconhecido* no Ego que produz efeitos poderosos e exige um trabalho especial para tornar-se consciente.

A analogia que Freud estabelece entre Id e Ego com o cavalo e seu cavaleiro costuma ser mencionada quando se reporta à relação entre as duas instâncias:

A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. (FREUD, 1923-25, p.39).

A Atenção, sendo uma função do Ego, tomará de empréstimo as forças do Id, como se fossem suas e, ao mesmo tempo, exercerá controle sobre essas forças. Conta, para isso, com a censura superegíca. Conforme veremos posteriormente, a Atenção, no psiquismo, encarrega-se de supervisionar o mundo externo. Neste texto aqui trabalhado, *O Ego e o Id* (1923), Freud refere-se ao Id como um segundo mundo externo.

Ao situar o controle da ação do sujeito no mundo como responsabilidade egóica, o autor faz uma analogia e estabelece que a posição do Ego é semelhante à de um monarca constitucional, sem cuja sanção nenhuma lei pode ser aprovada, mas que hesita longo tempo antes de impor seu veto a qualquer medida apresentada pelo parlamento. Afirma, então, que as experiências que se originam do exterior enriquecem o Ego e considera o Id seu segundo mundo externo. Assim ele explica :

Todas as experiências da vida que se originam do exterior enriquecem o ego; o id, contudo, é o seu segundo mundo externo, que ele se esforça por colocar em sujeição a si. Ele retira libido do id e transforma as catexias objetais deste em estruturas do ego. Com a ajuda do superego, de uma maneira que ainda nos é obscura, ele se vale das experiências de época passadas armazenadas no id. (FREUD, 1923-25, p.72).

Ressaltamos, aqui, a situação fronteira do Ego, justamente pela tarefa de mediar o mundo externo e o Id como seu segundo mundo externo. Ao mesmo tempo, o Ego atende a três senhores e por eles é ameaçado: o mundo externo, o Superego e o Id. Sendo assim, num trecho do mesmo capítulo, Freud vai afirmar que o Ego, sempre que possível, tenta permanecer em bons termos com o Id e veste, esse é o termo usado pelo autor, as ordens inconscientes do Id com suas racionalizações pré-conscientes. O Ego finge que o Id está mostrando obediência às admonições da realidade, mesmo quando, de fato, este permanece obstinado e inflexível.

Vemos então que o Ego tenta evitar os conflitos do Id com a realidade e, se possível, também seus conflitos com o Superego.

Essa situação de conflito do Ego é geradora de angústia. O psiquismo vai trabalhar no sentido de evitar a angústia que gera tensão e despesa psíquica.

Na tentativa de elucidar a dinâmica do funcionamento psíquico por meio das três instâncias, o Id, o Ego e o Superego, traremos outro texto freudiano. Trata-se da Conferência XXXI de *Novas Conferências Introdutórias*, presente na obra *A Dissecção da personalidade psíquica* (1933 -1932). Nesse texto, Freud vai tratar da relação entre as instâncias e permite-nos visualizar imaginariamente a sua dinâmica.

Freud explica ter nomeado Id à região alheia ao Ego, por reconhecer que não podemos utilizar o termo Inconsciente somente para

designar uma região psíquica, uma vez que a característica de ser inconsciente não lhe é exclusiva.

Explica então que o Superego, o Ego e o Id são os três reinos em que se divide o aparelho psíquico. A disposição dessas instâncias, no entanto, não é homogênea. Faz, nesse ponto, uma analogia muito interessante: propõe que imaginemos uma paisagem de configuração variada, composta por montanhas, planícies e cadeias de lagos e com uma população mista, sendo habitada por alemães, magiares e eslovacos que se dedicariam a atividades diferentes. As coisas poderiam estar repartidas de tal modo que os alemães, criadores de gado, habitariam a região montanhosa, os magiares, plantadores de cereais e videiras, morariam nas planícies, os eslovacos, que capturam peixes e tecem o junco, viveriam junto aos lagos. Mesmo habitando lugares específicos, observar-se-iam alemães, magiares e eslovacos disseminados por toda parte, uma vez que na região montanhosa também haveria terras cultiváveis, e o gado seria criado também nas planícies. Algumas coisas, naturalmente, seriam conforme o esperado, pois não se poderia capturar peixes nas montanhas e os vinhedos não cresceriam na água. Nessa configuração, mesmo que cada região apresentasse características peculiares, não haveria homogeneidade e sim mistura.

Da mesma forma, no aparelho psíquico, entre Id, Ego e Superego não há fronteiras nítidas, como as fronteiras artificiais delineadas na geografia política. Sendo assim, não podemos pensar sobre as características do psiquismo por esquemas lineares, como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio de áreas coloridas, fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam os artistas modernos.

Freud propõe então que, depois de termos feito a separação entre as diferentes instâncias, devemos permitir que novamente se misture o que havíamos separado. Afirma também a possibilidade de que, no decurso do funcionamento, seja possível passar por uma fase temporária de involução, particularmente daquela que é filogeneticamente a última e

mais delicada das divisões. Trata-se da diferenciação entre Ego e Superego.

Nessa conferência, encontramos também referência às características do Id em contraste com o Ego. O Id é a parte obscura e inacessível da personalidade. Aberto, em seu extremo, às influências somáticas, contém dentro de si necessidades pulsionais que nele encontram expressão psíquica. Está repleto de energias que a ele chegam das pulsões, estabelecendo leis próprias que regulam seu funcionamento, sendo essas leis que regem o Id, diferentes daquelas que regem o Ego. Expressa uma luta pela consecução da satisfação das necessidades pulsionais, sujeita à observância do princípio de prazer.

O Id não segue, portanto, as leis lógicas do pensamento, o que é próprio ao Ego. Não há nele contradição, e nada que corresponda à idéia de tempo. Desse modo, os impulsos plenos de desejos, provenientes do Id, são atemporais. Assim explica o Id:

Catexias instintuais que procuram a descarga — isto, em nossa opinião, é tudo o que existe no id. Parece mesmo que a energia desses impulsos instintuais se acha num estado diferente daquele encontrado em outras regiões da mente, muito mais móvel e capaz de descarga; de outro modo, não ocorreriam os deslocamentos e as condensações, que são tão característicos do id e que tão radicalmente desprezam a *qualidade* daquilo que é catexizado — aquilo que no ego chamaríamos de uma idéia. (FREUD, 1932-36, p. 95).

O conteúdo que apresentamos até aqui do texto freudiano, com os recortes do próprio autor, será o ponto de partida para a nossa leitura que, conforme apresentado no início do capítulo, toma os lugares mencionados no funcionamento psíquico (Id, Ego e Superego) para uma leitura da Atenção que considera os espaços demarcados pelas

vicissitudes da circulação da energia pelo movimento da *Aufhebung* freudiana.

O Superego atua no sentido de não desviar suas injunções ao Ego, enquanto este intermedeia suas forças entre o mundo externo e o Id, que é seu outro mundo externo, como já vimos, anteriormente. Lembramos que a força da intervenção superegóica é tomada de empréstimo ao Id.

As fronteiras criadas no percurso da *Aufhebung* produzem-se junto à conjugação das instâncias Id, Ego e Superego, permitindo a continuidade entre elas. Assim, uma parte do Id transforma-se em Ego e uma parte do Ego constitui-se em Superego. Ao mesmo tempo, essas instâncias são formadas em conjugação com o somático. Esses diversos lugares são marcados também pelo Inconsciente.

Frej (ibid.) destaca que é a palavra que impulsiona a *Aufhebung* e circula nos espaços e fronteiras que os separa, produzidos pelo referido movimento.

Tomando sob essa perspectiva a obra freudiana, permitimo-nos pensar sobre a Atenção desde seu estabelecimento num tempo não cronológico, que integra o surgimento do humano a partir de seu organismo, considerando as fronteiras entre realidade psíquica e a realidade material, entre o sujeito e a cultura e entre o normal e o patológico.

2.2. Uma leitura da Atenção a partir do texto freudiano

Ao abordar a concepção do aparelho psíquico, Freud propõe a existência de dois princípios de funcionamento: o princípio do prazer e o princípio de realidade. No texto *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental* (1911), o autor vai tratar da instauração do princípio de realidade e do significado do mundo real externo, fazendo referência às modificações necessárias à adaptação do aparelho psíquico para esse modelo de funcionamento.

Os processos psíquicos inconscientes, mais antigos e primários, como já vimos anteriormente, obedecem ao princípio do prazer. A instauração do princípio de realidade não o suprime, mas se impõe como princípio regulador, uma vez que, em função das exigências do mundo exterior, modifica os caminhos na busca pela satisfação das exigências internas.

Freud aponta nesse texto para uma função reguladora do trabalho realizado pelo psiquismo na instituição do princípio de realidade. Atender ao meio externo teria nesse sentido uma função de proteger a vida do sujeito. É Freud quem sustenta essa idéia:

Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *querer*, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é *útil* e resguardar-se contra danos. Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro. (FREUD, 1911, p.283).

As adaptações promovidas pelo aparelho psíquico nesse processo dizem respeito ao ganho de consciência e à instituição das funções da Atenção, do juízo e da memória (sistema de notações). A descarga motora aleatória tende a ser substituída por uma ação coordenada voltada ao mundo externo. É também pela instauração do princípio de realidade que se faz possível o pensar, promovido pela transformação da energia que circulava livre, sem barreiras, em energia ligada.

As idéias que Freud tece nesse texto estabelecem uma continuidade com aquelas encontradas no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]). No *Apêndice C* do referido Projeto intitulado *A natureza de Q*, encontramos as hipóteses que Freud estabelece a respeito do movimento das Quantidades psíquicas, termo utilizado inicialmente para se referir à energia que circula no psiquismo.

O uso do termo Quantidades deve-se ao fato de essa energia possuir as mesmas características de uma quantidade, mesmo não podendo ser mensurável. A energia é capaz de redução, deslocamento e descarga. A Atenção é pensada como um investimento relacionado à natureza do estado *ligado* das quantidades que circulam no aparelho. É concebida como uma quantidade proveniente do Ego e nomeada ora como *investimento lateral*, ora como *pré-investimento*, ou *hiperinvestimento*.

Ora a Atenção apresenta-se como um meio de dirigir os investimentos colaterais para o lugar onde são necessários, ora o hiperinvestimento da Atenção constitui, em si mesmo, a força que produz o estado ligado. A Atenção se apresenta ao mesmo tempo como um investimento constante e deslocável, de intensidades variáveis em função de um maior ou menor acúmulo de energia.

Encontramos no *Apêndice C* uma síntese de como os editores analisam a Atenção na obra de Freud :

Efetivamente, todo o problema da relação da atenção com a Q requer um exame metucioso. (A “energia livre de”, como Freud parece denominá-la na carta enviada a Fliess em 1º de janeiro de 1896, Apêndice B) a atenção é mencionada discretamente na Seção 14 da Parte I (em [1]), mas logo começa a mostrar sua importância (na Seção 19 da Parte I e na Seção 6 da Parte II), até se tornar, na Parte III, um elemento quase predominante. Apesar disso, nos escritos posteriores de Freud, a atenção, depois de ser citada esporadicamente, é quase relegada ao esquecimento. Alguns vestígios anônimos, porém, persistem até o fim, em dois sentidos bastante diferentes que, em última análise, remontam ao *Projeto*. (STRACHEY, 1966, p.405).

Os dois sentidos aos quais os editores se referem são o que relaciona a Atenção ao teste de realidade e o que diz respeito ao papel desempenhado pela Atenção, ou por alguma instância semelhante na determinação da diferença entre a Q (quantidade) em seu estado ligado e seu estado livre, estabelecendo o funcionamento psíquico pelos processos primário (estado livre) e processo secundário (estado ligado).

É sobre esse aspecto que a Atenção é abordada em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911) e nos textos que escolhemos na continuidade do trabalho. Encontramos no trecho que se segue a descrição de como se institui, no psiquismo, a função da Atenção:

A consciência aprendeu então a abranger qualidades sensórias, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que até então lhe havia exclusivamente interessado. Institui-se uma função especial, que tinha de periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma urgente necessidade interna surgisse: a função da *atenção*. Sua atividade vai encontrar as impressões sensórias a meio caminho, ao invés de esperar por seu

aparecimento. Ao mesmo tempo, provavelmente, foi introduzido um sistema de *notação*, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência — uma parte do que chamamos *memória*. (FREUD, 1911, p.279-280).

Destacamos a função antecipatória da Atenção na instauração do princípio de realidade. Nesse processo, a energia, antes inclinada à livre descarga, tende a acumular-se para o exercício de novas funções. Esse outro modelo de funcionamento busca pôr um fim à tensão interna por meio de uma ação específica, contando para isso com o acúmulo de energia, aquela que teria sido descarregada. O funcionamento da Atenção depende desse acúmulo de energia. Ao orientar-se para o mundo externo, trabalha no sentido de antecipar as sensações de prazer e desprazer que a Consciência poderá captar pelas qualidades advindas dos órgãos sensoriais.

O movimento de ligação da energia psíquica às representações impede o livre escoamento da energia e constitui-se numa barragem. O mesmo não acontece quando a energia não se liga a nenhuma representação. Assim, escoar livremente e o funcionamento do psiquismo dá-se pelo processo primário. A excitação tem como resposta a descarga, tal qual apresentamos no início do trabalho, pelo modelo do arco-reflexo.

Nesse sentido, a Atenção supõe uma reserva de energia que, não tendo sido descarregada, é usada na ação constituída pelo pensar. É o funcionamento pelo processo secundário que possibilita o controle sobre a motricidade. A hiperatividade, a partir dessa perspectiva, é a própria descarga motora de uma energia que não foi devidamente acumulada para permitir o adiamento necessário à promoção de uma ação controlada, possibilitada pelo processo de pensamento.

O trabalho de apreensão de percepções é complexo e envolve várias funções, acontecendo em uma temporalidade própria. O psiquismo trabalha para impedir a satisfação alucinada do desejo inconsciente

procurando reconhecer no mundo externo o objeto de satisfação procurado.

A operação de busca de localização do objeto desejado no mundo exterior por meio das percepções dependerá da Atenção, que, por sua vez, está na dependência dos registros anteriores, os traços de memória.

Recorremos nesse ponto ao texto *O Bloco Mágico* (1925[1924]), no qual encontraremos argumentos para explicar melhor a hipótese psicanalítica sobre a estrutura do aparelho perceptual no psiquismo. O sistema de notações, como vimos, é instituído para registrar os dados da exploração feita pela Atenção. Dessa forma, organiza um sistema de referências, a partir das quais as percepções são selecionadas no mundo externo.

O bloco mágico, que Freud utiliza como metáfora para explicar suas idéias, consiste em um bloco formado por uma camada de papel encerado que tem um celulóide para protegê-lo. Por ser muito fino, sem o celulóide, o papel rasgar-se-ia, ao se escrever várias vezes sobre ele. Por baixo, há uma placa de cera. Quando algo é escrito, o celulóide atua como um escudo protetor para o papel encerado. Nessa analogia, essa camada seria a camada do aparelho psíquico que atua como escudo protetor contra os estímulos externos, para diminuir sua intensidade das excitações que estão ingressando.

Ao escrever algo no bloco, observamos que, levantando toda a folha da cobertura, tanto do celulóide quanto do papel encerado da prancha de cera, a escrita desaparece. A superfície do Bloco Mágico fica limpa de escrita e pode receber novas impressões. No entanto, o traço permanente do que foi escrito está retido sobre a própria prancha de cera e, sob luz apropriada, é legível. Freud explica então que, assim como um bloco comum de papel, o aparelho psíquico soluciona o problema de combinar as duas funções, dividindo-as entre duas partes ou sistemas componentes separados, mas inter-relacionadas. A camada que recebe os estímulos, o sistema Pcpt.- Cs. (Percepção-Consciência), não forma traços

permanentes. Os fundamentos da maioria ocorrem em outros sistemas contíguos.

As excitações que inscrevem traços permanentes preservam-no sistema mnêmico. Esse, ao ser investido, é acompanhado de Consciência. Ao ser retirado o investimento, no entanto, a Consciência extingue-se enquanto o funcionamento do sistema é detido.

É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema *Pcpt.-Cs.*, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes. Desse modo as interrupções, que no caso do Bloco Mágico têm origem externa, foram atribuídas por minha hipótese à descontinuidade na corrente de inervação, e a ruptura concreta de contato que ocorre no Bloco Mágico foi substituída, em minha teoria, pela não-excitabilidade periódica do sistema perceptual. Tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema *Pcpt.-Cs.* jaz no fundo da origem do conceito de tempo. (FREUD, 1925, p.290).

O sistema *Pcs.-Cs.* recebe percepções, mas não retém traço permanente delas, ao passo que os traços permanentes das excitações recebidas são preservados no sistema mnêmico. Assim, Freud explica que o fenômeno da consciência surge no sistema perceptual *em lugar dos* traços permanentes.

Explicadas as relações entre a Atenção, os traços de memória e a Consciência, deter-nos-emos na avaliação de juízo, responsável pela triagem, que é tarefa do Pré-Consciente e sobre a qual nos referimos anteriormente. No texto com o qual trabalhamos, Freud explica a avaliação de juízo:

O lugar da repressão, que excluía da catexia como produtoras de desprazer algumas das idéias emergentes, foi assumido por uma *passagem de julgamento imparcial*, que tinha de decidir se determinada idéia era verdadeira ou falsa — isto é, se se achava ou não em concordância com a realidade —, decisão que era determinada efetuando-se uma comparação com os traços de memória da realidade.(FREUD, 1911, p.280).

A função do julgamento, ao ser instituída, terá a missão de decidir se uma coisa que tem uma representação psíquica possui ou não uma certa característica, e confirmar se a representação dessa coisa tem existência no mundo real.

No texto *A Negativa* (1925), Freud afirma que o Ego-prazer busca saber se algo que foi percebido deve ser introjetado ou expulso, já o Ego-realidade quer saber se algo que está disponível em forma de uma representação psíquica pode ser encontrado na esfera da percepção. Nesse sentido, é sempre uma questão de dentro e fora, mas há uma diferença importante, pois se trata de buscar saber se o que está dentro, que é imaginado, está também fora, no mundo real.

Freud nos lembra, nesse mesmo texto, de que a própria existência de uma representação já é, na sua origem, uma garantia da realidade do representado. O que não existe, de início, é a diferença entre o subjetivo e o objetivo. Essa possibilidade será introduzida mediante a instituição do pensamento no psiquismo.

O pensar, anuncia Freud, possui a capacidade de novamente presentificar, por meio da reprodução no imaginar, algo que já foi uma vez percebido. Será possível, então, por meio do pensamento, imaginar o objeto sem que ele precise estar presente no mundo externo. Trata-se de reencontrá-lo, certificando-se da sua presença. O autor nos lembra ainda de que a reprodução do que é percebido em forma de representação psíquica não é a reprodução do que é percebido, nem sua fiel repetição. A

percepção pode ser modificada e o controle do índice dessas deformações é o que Freud denomina ser o teste de realidade.

A Atenção tem importante função no que estabelecemos como sendo uma triagem que decide, a partir dos objetos disponíveis do mundo externo, quais serão percebidos ou não. Retomando então as idéias que os textos de Freud nos revelam, podemos entender a Atenção como a função que, com a finalidade de pesquisar periodicamente o mundo externo, na busca por realizar as necessidades internas, antecipa, no plano das sensações, o que realiza essas necessidades. O registro dessas sensações organiza o sistema de notação, cuja tarefa é assentar os resultados da pesquisa da Atenção à memória.

Vimos então que, na dinâmica de trabalho psíquico, a Atenção é uma função de extrema importância. Uma vez instituída, mantém uma atividade de vigilância que supõe uma determinada quantidade constante de energia. As alterações nos níveis de energia dependem dos investimentos por parte do Id e da censura proveniente do Superego. O recalque e a censura são determinantes no funcionamento da Atenção de um sujeito. A orientação da Atenção ao mundo externo também está submetida ao mesmo processo.

No funcionamento pelo processo secundário, a avaliação de juízo permite que o lugar do recalque seja redefinido, uma vez que as idéias emergentes passam por um outro processo de censura, realizado pelo Superego.

Como vimos anteriormente, os investimentos, entendidos como quantidades de energia, não podem ser mensurados, mas apresentam deslocamento e diferença nas intensidades. A intensidade da Atenção, portanto, está em extrema dependência do funcionamento psíquico que é singular a cada sujeito humano.

O que acabamos de dizer contrapõe-se às idéias de que uma motivação externa *prende* a Atenção e às idéias de uma leitura, que considera *desatenção* uma Atenção, que não responde ao que se coloca

como demanda no mundo externo. Na perspectiva freudiana, o que temos é uma Atenção que vai encontrar as impressões sensórias a meio caminho, como afirma Freud no texto que aqui trabalhamos. É um trabalho de investimento da energia psíquica, dependente do movimento de circulação da energia no psiquismo.

Retomando a idéia anteriormente apresentada do Ego como o cavaleiro que precisa conduzir o cavalo para onde ele quer ir, entendemos que a Atenção, ao funcionar, está sujeitada a essa administração do Ego. Não estaria somente respondendo às percepções que chegam do mundo externo. Uma vez que o Id funciona como um segundo mundo externo, suas forças estão também operando naquela tentativa de submeter o Ego a si.

Já nos referimos aqui às relações de dependência entre as funções da Atenção, da memória e do julgamento. Deter-nos-emos agora no processo de pensamento que possibilita o exercício intelectual.

Vimos anteriormente que à livre descarga de energia a instituição do processo secundário vai possibilitar a coibição da descarga motora e instituir o pensar, que se desenvolve a partir da apresentação de idéias. O processo de pensar é viabilizado pelo aparelho psíquico para suportar o aumento de tensão decorrente do acúmulo de estímulos. Será responsável pelo adiamento daqueles estímulos que antes eram descarregados pelo aparelho motor. Assim Freud explica :

A coibição da descarga motora (da ação), que então se tornou necessária, foi proporcionada através do processo do *pensar*, que se desenvolveu a partir da apresentação de idéias. O pensar foi dotado de características que tornavam possível ao aparelho mental tolerar uma tensão aumentada de estímulo, enquanto o processo de descarga era adiado. Ele é essencialmente um tipo experimental de atuação acompanhado por deslocamento de quantidades relativamente pequenas de catexia, junto com menor dispêndio (descarga) destas. Para

este fim, foi necessária a transformação de catexias livremente móveis em catexias vinculadas, o que se conseguiu mediante elevação do nível de todo o processo catexial. (FREUD, 1911, p.281)

Ao explicar então o processo de pensar, Freud refere-se à transformação das cargas de investimento livremente deslocáveis a cargas de investimento fixadas, ou ligadas, o que foi alcançado por meio de uma elevação das intensidades no processo de investimento de energia. Se em sua origem o pensar era inconsciente, registrando apenas as impressões deixadas pelos objetos, a ligação às palavras possibilita a consciência e a percepção de qualidades nas representações. Destacamos a Atenção como esse elo de ligação entre as representações, e a importância, mais uma vez aqui sinalizada, da palavra:

É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais. (FREUD, 1911, p.281).

2.3. A Consciência, o Inconsciente e a Atenção

Ao definir o estatuto metapsicológico do Inconsciente, Freud segue um percurso que compreende o modelo neurofisiológico do Projeto (1895), o modelo topográfico e o modelo estrutural. No entanto, quando abordamos o funcionamento psíquico a partir de um movimento contendo e constituído de sua própria negação operando em cada passo de sua evolução, teremos então, o que se constitui a *Aufhebung* em Freud.

No modelo topográfico, o Inconsciente é pensado como o recalçado, um material que permanece desconhecido até que o acesso à consciência seja possível. Caso contrário, ele permanece desconhecido. Esse modelo contempla os textos escritos no período de 1900 a 1920.

A partir do texto com o qual trabalhamos aqui, em 1923, Freud propõe o modelo estrutural para o Inconsciente e anuncia que, o inconsciente é mais que o recalçado:

[...] o *Ics.* não coincide com o reprimido (recalçado); é ainda verdade que tudo o que é reprimido é *Ics.*, mas nem tudo o que é *Ics.* é reprimido. Também uma parte do ego — e sabem os Céus que parte tão importante — pode ser *Ics.*, indubitavelmente é *Ics.* E esse *Ics.* que pertence ao ego não é latente como o *Pcs.*, pois, se fosse, não poderia ser ativado sem tornar-se *Cs.*, e o processo de torná-lo consciente não encontraria tão grandes dificuldades. (FREUD, 1923, p.30).

Mesmo tendo sido feita em 1923, a afirmação citada acima já é uma idéia discutida por Freud desde os textos de 1915, sobretudo no Inconsciente, no *ítem 2*, ao tratar do alcance deste termo. Então, ele o

situa enquanto um lugar e, também, enquanto submetido ao aspecto descritivo tocando então o sistema Pcs. O autor ainda faz notar que, sendo os processos psíquicos inconscientes o seu objeto, a percepção consciente não os alcança. E do mesmo modo que, como dissemos acima, os elementos que são referidos a uma primeira tópica circulam naqueles referidos à segunda.

O movimento da *Aufhebung freudiana* permite-nos compreender o Inconsciente como sendo ao mesmo tempo um lugar e o inconsciente no sentido dinâmico.

A consciência, conforme considerada pela Psicologia clássica, terá, a partir da Psicanálise, uma leitura própria, uma vez relacionada ao Inconsciente freudiano.

No texto *O Inconsciente* (1915) Freud explica que o ato psíquico passa, em geral, por duas fases e que entre ambas há uma espécie de teste ou censura. Na primeira fase, o ato psíquico encontra-se em estado inconsciente e pertence ao sistema Ics. Se ele é rejeitado pela censura, a passagem para a segunda fase é interdita. Nesse caso, ele é designado pela Psicanálise como recalado e terá que permanecer inconsciente. Se passa pela censura, o ato psíquico torna-se objeto da consciência sem ter que enfrentar maiores resistências.

O recalque é essencialmente um processo que ocorre na fronteira entre os sistemas Ics. e Pcs. (Cs) e opera sobre as idéias que aí se encontram. Trata-se da retirada da carga de investimento sobre essas idéias.

O recalque não será levantado antes que tenha ocorrido a superação das resistências, que impedem a idéia consciente de entrar em contato com os rastros da memória inconsciente.

Entende-se por idéias o resultado do trabalho psíquico que é feito a partir dos traços de lembrança. Já os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sensações.

Sobre esse tema, do tornar-se consciente, o próprio autor afirma que, ao investigar o recalçamento, foi obrigado a situar uma outra censura decisiva para o processo de conscientização. Além daquela entre os sistemas Ics. e Pcs., assinala a existência da censura entre o Pcs. e o Cs. Propõe então, que a cada transição de um sistema para o que se encontra imediatamente acima dele, numa etapa mais elevada de organização psíquica, corresponderá uma nova censura. Sendo assim, Freud explica:

A razão de ser de todas essas dificuldades reside na circunstância de que o atributo de ser consciente, única característica dos processos psíquicos que nos é diretamente apresentada, de forma alguma se presta a servir de critério para a diferenciação de sistemas. Independentemente do fato de o consciente nem sempre ser consciente, mas também às vezes latente, a observação tem demonstrado que grande parte daquilo que partilha das características do sistema Pcs. não se torna consciente; além disso, sabemos que o ato de se tornar consciente depende de que a atenção do Pcs. esteja voltada para certas direções. Por isso a consciência não se situa numa relação simples, quer com os diferentes sistemas, quer com a repressão. (FREUD, 1915, p.220).

Destacamos no trecho acima que Freud situa a Atenção no Pré-consciente, atribuindo-lhe a tarefa de permitir ou não a passagem dos conteúdos para a consciência em função do seu direcionamento, uma vez que um conteúdo, para tornar-se consciente, depende da ultrapassagem de fronteiras estabelecidas em função da censura. Tanto a censura proveniente do recalque operado pelo Ego, quanto aquela proveniente do Superego são determinantes no direcionamento da Atenção.

Nesse ponto, retomamos a pergunta que Freud se coloca, no texto que aqui trabalhamos, *O Ego e o Id: _ Como uma coisa se torna consciente?* Primeiro, sugere que a mesma pergunta seja mais

adequadamente enunciada nos termos: _ *Como uma coisa se torna pré-consciente?* Responde, então, que é vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes: *Essas representações verbais são resíduos de lembranças; foram antes percepções e, como resíduos mnêmicos, podem tornar-se conscientes de novo.* (FREUD, 1923, p.33). Sobre o tema da consciência na obra de Freud, Chemama e Vandermersch (2007) afirmam que poderíamos encontrar as idéias do autor reunidas em um artigo escrito por ele, em 1915, mas que nunca teria sido publicado. Somos levados, então, a buscar em sua obra as referências à consciência que nos permitam compreendê-la nas suas relações com o Inconsciente freudiano.

Seguiremos a leitura que Chemama e Vandermersch (ibid) fazem sobre a consciência na teoria psicanalítica. Os autores partem do texto *A Interpretação dos Sonhos*, no qual Freud afirma que o *tornar consciente* é um ato psíquico particular, distinto e independente do aparecimento de um pensamento ou de uma representação. Refere-se à consciência como um órgão dos sentidos, que percebe o conteúdo de um outro domínio.

Os autores continuam explicando que o ato psíquico, que permite o tornar consciente, é sustentado pela Atenção. Destacam, então, a Atenção como uma função psíquica, em cuja necessidade Freud insiste, em razão da fugacidade espontânea da consciência. Eles explicam que:

(....) a orientação da Atenção favorece a passagem para o consciente das representações pré-conscientes, assim como a energia investida em tais representações, energia que força _ são esses os termos freudianos _ essa passagem. (CHEMAMA e VANDERMERSCH, p.66).

[..] A função psíquica da atenção permite que se constitua um sistema de referências que são consignadas na memória, cuja sede é o pré-

consciente, pois memória e consciência se excluem.(CHEMAMA e VANDERMERSCH, 2007 p.66).

Encontramos referência a essa fugacidade da consciência no texto de Freud:

[...] que a maioria dos processos conscientes são conscientes apenas num curto espaço de tempo; muito em breve se tornam *latentes*, podendo, contudo, facilmente tornar-se de novo conscientes. (FREUD, 1923-25, p.26).

O lugar do pré-consciente seria, dessa forma, tanto o pólo consciente do aparelho psíquico imaginado por Freud quanto seu pólo perceptivo: são filtros que não retêm nenhuma informação. O teste de realidade seria esse filtro que opera no nível pré-consciente, sendo responsável por fazer a triagem e rejeitar ou aceitar a percepção.

Seguindo a linha de pensamento dos autores, é possível caracterizar a Atenção enquanto função do Ego que se processa no nível pré-consciente e dirige-se tanto para o mundo externo quanto para o mundo interno. Desse modo, antes que uma representação inconsciente force sua entrada na Consciência, o Ego põe em ação a função da Atenção. A representação poderá ser inibida ou fazer-se consciente. Nessa situação, o próprio Ego não tem consciência dessa operação. Lembramos que o recalque é uma operação que é inconsciente e dele só sabemos mediante seus efeitos, os chamados derivados do Inconsciente.

Isso justifica nossa determinação em considerar os processos inconscientes da Atenção, em contraposição à Psicologia clássica. Ao abordar somente o consciente do ato psíquico, haverá sempre algo que se perde.

Lembramos aqui um trecho da carta de Freud a Georg Groddeck escrita em 1917, quando o autor se refere ao Inconsciente como sendo a verdade intermediária entre o somático e o psíquico, como sendo o elo perdido, o *missing link*: *o inconsciente é certamente a verdade intermediária entre o somático e o psíquico, pode ser o elo perdido tanto procurado* . (FREUD, 1979, p. 344).

Capítulo 3

ATENÇÃO E LINGUAGEM

3.1. A função da linguagem na Atenção

A. R. Luria (1979) desenvolveu um estudo sobre a Atenção que compreendeu a análise de suas bases fisiológicas, bem como do seu funcionamento. Mesmo sendo um autor que parte de uma concepção de sujeito diferente daquele contemplado pela Psicanálise, suas idéias nos ajudam a fundamentar nossas hipóteses.

O autor distingue dois tipos básicos de Atenção: o arbitrário e o involuntário. A característica principal da Atenção humana, no entanto, seria a arbitrariedade.

Luria cita o psicólogo francês Revot d'Allones, que diferencia o comportamento do animal, que está sujeito ao meio, ao do homem, o qual dispõe da possibilidade de criar esquemas e subordinar seu comportamento a essa esquematização. As observações de D'Allones sobre a Atenção arbitrária cria um impasse diante da Psicologia naturalista clássica, que só pode ser superada ao mudarem as concepções tradicionais dos processos conscientes e deixarem de considerá-los primários, passando a abordá-los como um produto de um complexo desenvolvimento histórico-social.

Luria afirma ainda que só após ter sido dado esse passo e examinado o problema da gênese da Atenção arbitrária é que se poderá ver as suas raízes autênticas e dar-lhe uma explicação científica. Nesse ponto, Luria vai dar ênfase ao processo de comunicação humano, realizado por meio da fala, dos atos e gestos dos adultos e de sua influência nos processos psíquicos da criança. Assim explica Luria:

A criança de idade tenra contempla o ambiente costumeiro que a cerca e seu olhar corre pelos objetos presentes sem se deter em nenhum deles nem distinguir esse ou aquele objeto dos demais. A mãe diz para a criança: _ “isto aqui é um xícara” e aponta o dedo para ela. A palavra e o gesto indicador da mãe distinguem esse objeto dos demais, a criança fixa a xícara com o olhar e estende o braço para pegá-la. Neste caso, a atenção da criança continua a ter caráter voluntário e exteriormente determinado, com a única diferença de que os fatores naturais do meio exterior incorporam-se aos fatores da organização social do seu comportamento e o controle da atenção da criança por meio de um gesto indicador e da palavra. Neste caso, a organização da atenção está dividida entre duas pessoas: a mãe orienta a atenção e a criança se subordina ao seu gesto indicador e à palavra. (LURIA, 1979, p.25).

Esse momento, no entender do autor, seria apenas a primeira etapa de formação da atenção arbitrária. O domínio da linguagem e a sua evolução provocam uma transformação radical na orientação da Atenção.

O autor fala então da possibilidade do deslocamento autônomo da Atenção que não diz respeito à manifestação do espírito livre, primariamente próprio do homem, mas ao resultado de uma organização interna mediada pela estrutura, que é produto de um complexo desenvolvimento histórico e social.

Luria reporta-se ao caráter elástico e independente das ações exteriores imediatas da Atenção. Retoma a idéia da involuntariedade da Atenção ao afirmar que na medida em que se desenvolvem os processos intelectuais da criança, esses vão se tornando tão complexos e automatizados que a transferência de sua Atenção de um objeto para outro passa a dispensar esforços especiais e assume o caráter da facilidade e, pareceria, da involuntariedade que todos nós sentimos quando, em pensamento, passamos de um objeto a outro, ou quando somos capazes de manter por muito tempo a Atenção tensa numa atividade que nos interessa.

Luria concede à palavra o estatuto de dar origem à compreensão mútua e comunicação.

Na nossa leitura, tomamos a palavra como aquilo que faz corte e impulsiona a suprassunção (*Aufhebung*), sendo fundamental na nossa abordagem da Atenção. É a palavra que, ao possibilitar o pensamento, promove o adiamento da descarga motora. Apontamos, então, a linguagem como determinante no processo de Atenção.

A palavra veiculada pela mãe produz um corte onde germina um devir fazendo com que os cuidados maternos, exercidos no campo da necessidade, se transformem em desejo de conhecer e curiosidade. Tentativa de restaurar o momento mítico, é certo, em que o corte ainda não teria operado. É a palavra, articulada no discurso da mãe que insere a criança no registro simbólico, que já estava lá, enquanto possibilidade, para a criança.

Como destacamos anteriormente nesse trabalho, a trama das representações e dos investimentos energéticos, que definiam para Freud o sistema do inconsciente, designam, a partir do ensino de Lacan, um aporte concreto na rede dos elementos da linguagem, ou seja, os significantes. A rede de significantes preexiste ao sujeito, na exterioridade material da linguagem, sendo unicamente o que permite que o sujeito possa ser representado na ordem simbólica.

A involuntariedade da Atenção, defendida por Luria pode ser pensada, na nossa perspectiva, pela própria representação do sujeito na ordem simbólica. Uma vez que o Eu ignora a verdade que está no seu eixo, supomos que há determinantes inconscientes no processo de Atenção. Nesse sentido, ela é involuntária.

Como veremos adiante, Lacan estabelece a relação entre a palavra, os significantes, a constituição do Sujeito e as determinações inconscientes. O Sujeito já se institui socialmente por ser um efeito da linguagem.

A relação originária com o Outro e o papel da palavra e da linguagem é o que marca e diferencia nossa perspectiva da Atenção.

Já na abordagem neurocientífica essa questão não é colocada em relevância. Os mecanismos e processos psíquicos compreendidos somente como uma função biológica, e seu funcionamento como processo fisiológico, permitem a leitura da Atenção como uma função passível de regulagens e desregulagens químicas, sem relação com a história de vida de cada um.

Pommier (2006) afirma que, nas últimas décadas, o conhecimento da Neurociência têm trazido enormes contribuições para confirmar as teses psicanalíticas. O fenômeno da atrição, demonstrado como sendo o fato de os neurônios presentes no nascimento degenerarem, se não forem utilizados, sustenta a tese de que uma ligação com o exterior é necessária para que as conexões neuronais aconteçam.

A *palavra* seria, para Pommier, a atrição fundamental porque não somente os sons úteis serão selecionados, aqueles fonemas da língua materna, mas também a sua significação dependerá do ambiente humano. A palavra entroniza o rei neurônio, afirma Pommier, explicando que, na criança recém-nascida, as conexões nervosas proliferam graças à música que ela ouve.

Ao defender a abordagem cérebro-neural do funcionamento da mente, Del Nero (1997) situa a Atenção como uma função das mais críticas do cérebro humano. Além de cerebral, explica, é também a função mental que proporciona a reconciliação entre os achados cerebrais e o fenômeno da Consciência. O autor refere-se a um tipo de atenção primária que estaria presente em todos os animais. No caso desses, a Atenção funciona a partir de uma teoria prévia, que é imutável, e gravada na história das espécies. Nos humanos, a Consciência é responsável por gerar as hipóteses gerais a partir das quais a Atenção vai à cata de corroboração ou refutação.

Del Nero (ibid) explica que o córtex cerebral está todo tempo emitindo um *facho de luz* na direção da informação que chega da periferia mediante a percepção que ele define como os sentidos do mundo. Essas informações que chegam através dos órgãos dos sentidos costumam ter no tálamo e no hipocampo sua via final de representação. O córtex emite, então, oscilações (ou fochos de luz) que procuram outras ondas de oscilação para sincronizar sobre vários contextos possíveis apresentados no tálamo e no hipocampo.

A Atenção, a partir dessa perspectiva é uma função orgânica, acionada pelo que o autor denomina como os *sentidos do mundo*, que entendemos como a percepção.

Como vimos, os sentidos do mundo, compreendidos como as percepções, na perspectiva freudiana, já são escolhas, mobilizadas por um movimento de investimento interno. O sujeito não é passivo em direção ao que percebe no mundo.

A partir da Psicanálise, colocamos em relevo a existência de um outro humano que coloca em funcionamento essa função e organiza seu funcionamento. Ao considerar, na perspectiva da Atenção, o corte constitutivo da supressão (*Aufhebung*) é possível compreender o movimento que mantêm o orgânico enquanto tal e o orgânico que, ultrapassado, se transforma em representação. Reside aí, a grande importância da perspectiva que ora trazemos na compreensão da Atenção.

3.2. Freud, o Inconsciente e os Chistes

Encontramos no trabalho que Freud desenvolveu sobre os chistes um meio de relacionar os aspectos referentes à economia psíquica, às formações do inconsciente e o processo de linguagem e pensamento. Ao mesmo tempo, permite-nos pensar sobre a questão do endereçamento. O chiste, para promover o riso, depende de uma terceira pessoa. A Atenção, na nossa perspectiva, está condicionada a esses aspectos.

Freud reconhece nos chistes, ou ditos espirituosos, tal qual nos sonhos, as características de uma formação do Inconsciente. No texto, *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, de 1905, o autor analisa os mecanismos e os propósitos dessa elaboração.

O processo de elaboração do chiste revela-se na escolha do material verbal e das situações conceptuais que permitirão que os primeiros jogos infantis com palavras se tornem, no decorrer do tempo, jogos verbais tendenciosos. São tendenciosos, no sentido de distrair a Atenção da censura e permitir que o pensamento resista ao juízo crítico. Aqui constatamos o que foi dito anteriormente, que a Atenção está condicionada ao processo de censura, mas a Atenção é inconscientemente distraída para que o chiste possa acontecer.

Recorremos ao trabalho de Freud sobre os chistes porque nesse estudo, anterior à formulação do princípio de realidade como regulador dos atos psíquicos, já podemos estabelecer a estreita relação entre Atenção, censura e juízo crítico, bem como identificar que o Inconsciente se revela a partir do que o sujeito enuncia.

Jacques Lacan, no seminário *As Formações do Inconsciente* (1957-1958), considerou o estudo dos chistes como uma porta de entrada para a compreensão da função do significante no Inconsciente. Seguiremos essa proposta de partir dos chistes para abordar as idéias de Lacan.

Como exemplo de chiste, tomaremos aquele extraído de uma história de H. Heine. Trata-se de um vendedor de loterias que, quando recebido pelo milionário S. Rothschild, se vangloriava por ter sido tratado de igual para igual. Produz, então, um chiste, dizendo que foi recebido de forma *famillionária*. Pelo processo de condensação, as palavras *familiar* e *milionário* unem-se e expressam, pela *palavra-valise* que criam, o pensamento de quem produziu o chiste.

A formação dos chistes explica-se pela necessidade sentida pelos homens de derivar prazer de seus processos de pensamento. Na maioria dos chistes, o riso é a expressão do prazer.

Como se dá o processo de elaboração de um chiste? Qual é o papel da Atenção nesse processo?

Ao relacionar os chistes aos sonhos, Freud vai definir três realizações que se pode atribuir à elaboração do sonho e que também se fazem presentes na elaboração dos chistes: a transformação, visando à possibilidade de representação, a condensação e o deslocamento. Lembramos que esses mecanismos, de condensação e deslocamento, são característicos dos processos inconscientes, sendo, portanto, atemporais.

O processo de transformação no chiste incide sobre algo já constituído, que é o saber inconsciente, que diz respeito aos registros simbólicos.

No processo de elaboração onírica, Freud define três estágios a ser distinguidos no processo de formação do sonho. O primeiro deles é o transplante dos resíduos diurnos pré-conscientes ao Inconsciente, os quais devem operar as condições que governam o estado de sono. Depois, dá-se a elaboração onírica propriamente dita no Inconsciente. Em terceiro lugar, há a regressão do material onírico à percepção, lugar onde o sonho se torna consciente.

Freud reconhece que as forças que tomam parte na formação do sonho são, além do desejo de dormir, o investimento da energia remanescente nos resíduos diurnos, depois de diminuído pelo estado de

sono, e a energia psíquica do desejo inconsciente, construtor do sonho. Há uma força oponente da censura que domina a vida diária e não é completamente suspensa durante o sono. Assim explica:

A tarefa de formação do sonho é, acima de tudo, superar a inibição da censura e precisamente esta tarefa é resolvida pelos deslocamentos de energia psíquica dentro do material dos pensamentos oníricos. (FREUD, 1905, p.156).

O chiste, no que concerne à sua elaboração na primeira pessoa, é formado por um pensamento pré-consciente que, como explica Freud, é abandonado por um momento à revisão do lcs. e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente.

O processo de Atenção, como já vimos, tem papel importante no trabalho de trazer uma representação para o cenário da consciência. Freud assim explica:

O Inconsciente é algo que realmente não conhecemos, mas que somos obrigados a admitir através de compulsivas inferências; compreenderam-no como algo capaz de tornar-se consciente embora não estivesse pensado em tal momento, não ocupasse o "ponto focal de atenção". (FREUD, 1905, p.153).

Sabemos, no entanto, que as forças da censura atuam sobre a Atenção, evitando o acesso de determinadas idéias ao consciente. Nesse sentido, a Atenção precisa ser deslocada para que a palavra possa

deslizar pelas referências internas que evoca, promovendo a transformação no chiste.

Em seu estudo, Freud estabelece uma relação de continuidade entre os primeiros jogos de palavras e rimas criados espontaneamente pelas crianças no início do processo de desenvolvimento da linguagem, passando pelos trocadilhos sem sentido até chegar aos chistes tendenciosos.

Freud aponta para uma evolução no processo de elaboração dos chistes. De inofensivos a tendenciosos, é possível observar no próprio processo de linguagem a instituição do Superego como agente da censura no Ego.

Ao suspender a censura sobre determinadas representações, um novo sentido é atribuído ao comentário que envolve o chiste. Esse novo sentido é revelador de algo inconsciente, que estaria inacessível pela via do pensamento comum. É o novo sentido atribuído que provoca o desconcerto naquele que ouve o chiste. Ao desconcerto, no entanto, segue um esclarecimento, que é a produção de um novo sentido.

O chiste, diferentemente do sonho, constitui-se num processo social justamente pelo fato de que só será chiste porque envolve uma outra pessoa. Envolve um outro, que ouve e entende o chiste. Além disso, há um terceiro a quem o chiste é endereçado. No exemplo que apresentamos no início do capítulo, teremos como terceiro o Barão de Rotschild. É a ele que o chiste é endereçado.

O que vamos ressaltar aqui é a importante relação entre o processo de aquisição da linguagem e o desenvolvimento da intelectualidade. À medida que a intelectualidade evolui, a Atenção passa a investir mais no que Freud estabeleceu como sendo pensamento sério, que dispense mais energia psíquica.

Voltando ao primeiro grupo de chistes, os inofensivos, vemos que, nesse grupo, a técnica consiste em focalizar nossa atitude psíquica em relação ao som da palavra e não a seu sentido. Assim, a apresentação

acústica da palavra toma o lugar da sua significação e o prazer é extraído pela relação estabelecida entre os sons e as representações das coisas que, como vimos anteriormente, são as primeiras formas de representação.

Nos jogos de palavras, essas se unem por si mesmas, e não pelo sentido ou pela representação, o que exigiria um esforço psíquico, característico do trabalho intelectual. A técnica, nesse caso, gera prazer, uma vez que permite associações externas que economizam a despesa psíquica.

Freud sugere que o prazer proveniente da elaboração do chiste inofensivo justifica-se pelo fato de operar uma redução no trabalho psíquico, pois, ao usar as palavras seriamente, e não como um jogo, há um dispêndio de energia caracterizado pelo esforço. No que diz respeito a essa economia de esforço psíquico, Freud lembra os casos de patologia da atividade do pensamento quando a concentração de despesa psíquica em um ponto particular é restrita. Explica que, nesses casos, os sujeitos:

[...] atribuem efetivamente maior proeminência a esse tipo de representação fônica da palavra que a seu sentido e que os pacientes em tais estados procedem, em seu discurso, em termos (como reza a fórmula) de associações 'externas' mais do que de associações 'internas' da representação da palavra. Notamos também que as crianças, ainda acostumadas a tratar as palavras como coisas tendem a esperar que palavras idênticas ou semelhantes tenham, subjacente, o mesmo sentido — fato que é fonte de muitos equívocos dos quais os adultos se riem. (FREUD, 1905, p.153).

O maior prazer que se obtém na elaboração do chiste diz respeito à suspensão das inibições internas, pelo fato de tornar fecundas as fontes de prazer inacessíveis por tais inibições.

Vimos anteriormente, no decorrer do trabalho que apresentamos, que a passagem de uma representação inconsciente para o Pré-Consciente e do Pré-Consciente para a Consciência depende de uma ultrapassagem da censura. As inibições provêm do recalque de determinadas representações e a censura diz respeito ao Superego.

Ao continuar sua explicação a respeito dos chistes, Freud vai afirmar que, nesse processo, o pensamento procura envolver-se em um chiste como forma de recomendar-se à nossa Atenção, parecendo mais importante e valioso do que outros pensamentos.

O pensamento, ao expressar-se em forma de chiste, constitui-se num invólucro, este é o termo usado pelo próprio autor, que suborna nossos poderes de crítica e os confunde. O ganho de prazer procede de uma economia na despesa psíquica ou de um alívio da compulsão à crítica. Neste último caso, o prazer não parte da técnica na elaboração do chiste, mas do propósito deste.

A economia na despesa psíquica diz respeito à inibição ou à supressão que parece ser o segredo do efeito de prazer dos chistes tendenciosos. Esses chistes referem-se a inibições internas de ordem sexual. Já os chistes inofensivos permitem associações externas que economizam a despesa psíquica.

Ao tratar dos chistes como um processo social, Freud refere-se ao terceiro a quem o chiste é endereçado.

Não bastam, portanto, só duas pessoas para que o chiste seja espirituoso. É necessário um terceiro elemento, que opera com a função de julgamento. Falava-se de um juízo repentino, que enganaria a racionalidade do sujeito durante o curto momento em que provocaria o riso. A produção de uma súbita associação de idéias faz rir ou sorrir.

Para que o chiste atinja seu propósito são necessárias algumas condições, entre elas, que haja conformidade psíquica entre o autor do chiste e seu receptor. A concordância ou discordância entre os propósitos

do chiste e o círculo de pensamentos dominantes do ouvinte decidirão se sua Atenção permanecerá no processo chistoso ou lhe será retirada.

Freud considera a existência de técnicas auxiliares, que servem claramente à finalidade de deslocar do processo chistoso a Atenção do ouvinte, mantendo um investimento maior de Atenção derivada do processo psíquico quando o chiste é escutado. A utilidade dessas técnicas auxiliares leva-nos a suspeitar que a Atenção partilhe grande parte da tarefa de supervisão e novo emprego da energia de investimento liberada.

Outro aspecto importante é o da conformidade psíquica, que se refere a esquemas presentes no sujeito, para que possa compreender o chiste, caso contrário, não é mantida a Atenção que possibilite essa compreensão.

O inesperado do chiste, o desconcerto e a compreensão que promove, revela um outro saber que nos surpreende. O corte que promove a assunção desse saber é promovido pela palavra.

3.3. Lacan, os chistes e o significante

O chiste *familionário*, que apresentamos no início desse trabalho, é retomado por Lacan para explicar as formações do Inconsciente.

O significante, segundo Chemama e Vandermersch (2007), é um elemento do discurso situado tanto no nível consciente quanto inconsciente, que determina e representa o sujeito. Esses autores explicam que, na teoria de Lacan, o sujeito não é o eu. O eu é a sensação de um corpo unificado, produzida pela assunção, pelo sujeito, de sua imagem no espelho, na época em que ainda não havia conquistado sua autonomia motora.

O eu situa-se em um eixo imaginário em relação à própria imagem ou à imagem de um semelhante. Essa relação do eu com seu objeto imaginário constitui obstáculo ao reconhecimento, pelo sujeito, de seu desejo. Esse desejo manifesta-se nas formações do Inconsciente: os sonhos, os sintomas, os enganos (atos falhos, esquecimentos e lapsos) às vezes transformados em sucesso, como no caso dos chistes.

O conceito de significante é emprestado da Linguística, mais precisamente da teoria de Ferdinand de Saussure (1916) sobre o signo linguístico.

Estabelecemos uma breve relação entre a teoria de Saussure com os pressupostos lacanianos, na tentativa de relacionar as estruturas inconscientes com as estruturas de linguagem.

Para Saussure (*ibid*), o sistema linguístico faz parte da experiência humana, sendo produto dessa experiência e atividade. Os signos linguísticos são significativos por seu conteúdo e pelas relações que mantêm entre si na cadeia falada. O sistema lhes dá uma identidade significativa. O signo linguístico corresponde a uma articulação entre duas massas amorfas: uma que corresponde ao fluxo dos pensamentos e outra

que corresponde ao fluxo dos sons. A estrutura do signo depende de um corte que intervém no fluxo dos sons e dos pensamentos. É a intervenção do corte que faz nascer a ordem do significante, ao mesmo tempo em que o associa a um conceito. O signo é composto da união do significante e do significado. O surgimento do significante é, pois, indissociável do engendramento do signo linguístico em sua totalidade.

À tese de Saussure, Lacan introduz algumas modificações. O fluxo de pensamentos e de sons serão traduzidos como fluxo de significados e fluxo de significantes, cuja relação é de autonomia do significante em relação ao significado, uma vez que, sob os mesmos significantes, há deslizamentos. Esses deslizamentos provam não haver uma correspondência biunívoca entre os dois sistemas. A operação pela qual o significante detém o deslizamento, de outra forma indeterminado e infinito, é chamada, por Lacan de ponto – de - estofo e é o constituinte elementar do grafo do desejo.

É também da teoria saussuriana a idéia desenvolvida a respeito do valor da palavra. Saussure explica que, mesmo fora da língua, todos os valores são regidos por um princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar e por coisas semelhantes, que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa. Esses dois fatores são necessários para a existência de um valor. (SAUSSURE, p.134). Sendo assim, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante, por exemplo, uma idéia. Além disso, pode ser comparada com algo semelhante, como uma outra palavra.

Essa noção permite-nos pensar na lógica do significante, a partir da análise dos processos metafóricos e metonímicos no discurso do sujeito.

A metáfora consiste em designar uma coisa por meio do nome de outra coisa, é uma substituição significante. Ela é produtora de sentido. Na medida em que a metáfora mostra que os significados extraem sua coerência unicamente da rede de significantes, o caráter dessa

substituição demonstra a supremacia e a autonomia do significante em relação ao significado. A supremacia traduz-se num assujeitamento do sujeito pelo significante que o predetermina, sem que ele o saiba.

O processo metonímico diz respeito à introdução, no discurso, de um novo significante, em relação de contigüidade e com um anterior que ele suplanta, sendo que o significante descartado não passa pela barra da significação. A manutenção da barra, na metonímia, prova uma resistência à significação, na medida em que essa figura de estilo apresenta-se como um *não sentido* aparente. Já, na metáfora, se o surgimento de sentido é imediato, é porque a transposição da barra se produziu. É o que ocorre no chiste.

Ao mesmo tempo em que o chiste violenta a arbitrariedade do código lingüístico, ele permite desvendar a trilha pela qual foi construído. O efeito cômico da palavra formada remonta à possibilidade de interpretação dela, atribuída à sua formação e características.

Falcão (2002) lembra-nos que a técnica dos chistes retoma a primazia do simbólico, ressaltada por Lacan em seu seminário *Formações do Inconsciente* (1957:1958). De acordo com a autora, nesse texto, ele distingue a importância do presente do discurso, ao invés do discurso do presente ou a primazia da realidade do discurso e não da realidade factual. É isto que o chiste traz, abertura para se escutar o que nele fala, o que ele suporta da cadeia significante, promovendo a articulação de algo novo. A autora lembra ainda que, no seminário *O Avesso da Psicanálise* ao abordar o discurso do analista, Lacan fala da possibilidade de, no lugar da produção, surgir um novo significante, S1, que modifica, rearticulando a cadeia significante, fazendo surgir outro significante que deixe de ter para o sujeito o peso do sofrimento e dos determinantes infantis.

Lebrun (2007) indica-nos que é essa dimensão do sujeito que a Psicanálise busca introduzir. Não do sujeito unificado no ato da fala, mas de um sujeito dividido entre seu dizer e o seu *dito*, entre saber e verdade – o sujeito barrado. Nesse sentido, seguindo a linha de pensamento de Lebrun (ibid), o enunciado é aquilo que é *dito*, diferente da enunciação,

que se refere ao *dizer*. O enunciado remete sempre à enunciação de um sujeito.

É do sujeito e de sua constituição, bem como do funcionamento da Atenção de um sujeito, que partiremos em direção ao próximo capítulo.

Capítulo 4

ATENÇÃO, LINGUAGEM E DISCURSO TRANSITIVISTA

4.1. A palavra que constitui o sujeito

Se tomarmos o ser humano na sua origem, o que temos é uma massa indiferenciada composta do que poderá tornar-se mãe e do que poderá tornar-se filho. É o que explica Frej (2003, 2005) fundamentada em Freud. Há um *continuum* entre a vida uterina e a primeira infância.

A mãe, enquanto objeto psíquico, substitui para a criança a situação da vida uterina no sentido biológico. A autora lembra que, num primeiro momento, a mãe ainda não se constitui como um objeto. Ela e a criança constituem uma unidade. A condição de diferenciação é o aporte da *ajuda estrangeira*. É o corte, produzido pela ajuda estrangeira (*fremde hilfe*), que constitui o ato de nascimento do sujeito humano. As particularidades dessa ajuda, que se dá pela palavra, terá efeitos na constituição do sujeito. Se não há incisão que opere uma separação, não há como pensar que a mãe seja objeto de investimento da criança e nem que esta seja investida pela mãe. Frej (2005) lembra que, frente à descarga dos excessos de estimulação (por meio das vias motoras), há alguém (a pessoa que está atenta ao bebê) que dá um nome: choro, grito, etc...Quando a esse nome atribui um sentido: fome, ou frio, por exemplo, esses nomes imprimem-se no que poderia ter sido concebido como pura descarga orgânica e assim permanecido.

A palavra é destacada como a ajuda estrangeira, como uma substância que corta e separa. Ao inscrever-se, constitui o filho e a mãe, criando um lugar para que haja relação mãe-bebê.

A palavra, portanto, como ajuda estrangeira, separa o bebê da mãe com quem se supõe constituir uma totalidade, fazendo-se UM. Essa separação gera uma tensão entre os DOIS, que teriam sido UM. Esse

movimento aponta para uma anterioridade, cuja ação sobre o referido UM é subsumida por um termo que já apontamos anteriormente nesse trabalho: trata-se do termo *Aufhebung*, que gera e atravessa o movimento constitutivo do humano, por conter em si aquilo que falta a toda palavra: a sua coincidência e redução à coisa nomeada. Nesse sentido, a *Aufhebung* demonstra a emergência da ajuda que é estrangeira à mãe e ao bebê. É por essa razão que a autora refere que a língua que a mãe transmite à criança é estrangeira.

Frej continua dizendo que a palavra que corta é a condição para que se opere a diferenciação entre os DOIS que teriam sido UM. É a exterioridade da ajuda que, abrindo um hiato entre DOIS, permite ao sujeito o endereçamento a um outro semelhante, como no caso da relação da mãe com seu filho.

Por realizar pelo bebê a ação específica, apropriada para eliminar os estímulos que se originam no organismo e provocam necessidades (fome, respiração e sexualidade), a intervenção da mãe promove satisfação ao bebê. Freud denomina experiência de satisfação ao movimento que envolve a mãe e o bebê e Frej (2003) acrescenta que o aporte da palavra, que é estrangeira a ambos, cria um intervalo que garante um espaço de interação, permitindo que a via de descarga do organismo adquira a função secundária de compreensão mútua e condicione a experiência de satisfação.

Já vimos anteriormente que a energia que circula no organismo, num primeiro momento, inclina-se à livre descarga e tende a acumular-se para o exercício de novas funções. Para aliviar a tensão interna é preciso que aconteça uma ação específica para promover a transformação da energia em trabalho psíquico próprio ao processo secundário. A palavra que vem da mãe seria a primeira ajuda estrangeira (*fremde Hilfe*) proveniente do meio externo para o qual a criança se orienta no sentido de antecipar as sensações de prazer e desprazer, que a Consciência poderá captar pelas qualidades advindas dos órgãos sensoriais.

Zemmour e Fourment-Aptekman (2001) fazem referência ao *Projeto para uma psicologia científica*, para explicar a ligação entre os rastros psíquicos e a linguagem. Uma vez que a necessidade de descarga é deduzida do princípio da constância, a linguagem é apresentada por Freud, nesse texto, como a via responsável por essa descarga. Há uma ligação dos neurônios, que servem às imagens auditivas, àqueles que servem às imagens verbais motoras. Ressalta-se então a homologia de estruturas entre, de um lado, o sistema de rastros (e de facilitações associativas entre esses rastros), vindos da percepção e da experiência e, de outro, as imagens auditivas verbais (estas estritamente ligadas às imagens verbais motoras). Essa associação tem a vantagem, em relação à difusão das associações entre neurônios. Para demonstrá-lo, os autores citam Freud: *Elas são circunscritas (isto é, em número restrito e exclusivas, passam da imagem auditiva à imagem verbal e daí a uma descarga)* (FREUD, 1985, p.375 *apud* ZEMMOUR e FOURMENT-APTEKMAN, 2001 p. 72). Nesse percurso, acontece o adiamento da descarga.

A associação com as imagens auditivas e verbais é condição de desenvolvimento do aparelho psíquico. Freud explica que, como consequência, esse processo possibilita o conhecimento e a memória. O pensamento, a partir do movimento dado pelo desejo, irá fundir-se, expressar-se, na linguagem e fundar uma realidade psíquica. Assim, os autores retomam Freud novamente no *Projeto*. *Os indícios de descarga pela via da linguagem [...] trazem os processos cognitivos no mesmo plano que os processos perceptivos, conferindo a eles uma realidade e tornando possível sua lembrança.* (ibid.)

Por meio da palavra, a mãe introduz a criança na linguagem. O sistema de linguagem traz em si regras. É um sistema constituído por significantes.

Passar pelo sistema de linguagem, como explica Lebrun (2008), implica submeter-se ao funcionamento desse sistema, que é um sistema descontínuo de significantes, que remetem uns aos outros, exercendo essa função de vetorização na cadeia linguageira.

Como vimos anteriormente no estudo sobre os chistes, Lacan estabelece uma relação entre o Inconsciente e o sistema de linguagem.

Ao introduzir a criança na linguagem, a mãe introduz seus significantes. A trajetória do sujeito vai depender de como ele consegue descolar-se das falas maternas. Essa separação também se dá por meio da palavra. A substituição de uma palavra por outra é viabilizada pela intervenção da metáfora paterna que introduz o interdito na linguagem. É a substituição de uma palavra por outra que torna possível ao sujeito endereçar-se à mãe e aos outros que não a mãe.

4. 2. Subjetividade e Atenção

A necessidade da separação da mãe e do bebê é considerada por Lebrun (2006) como aquilo que existe de universal na sociedade humana. Explica que, no ensino de Freud, o pai é o personagem que separa a criança da mãe, inscrevendo assim a temporalidade. Esse é o tempo zero na constituição do sujeito. A metáfora paterna diz respeito à significação fálica, isso quer dizer que não se está entregue ao que o Outro lhe deu. Essa é uma questão de extrema importância no que diz respeito ao processo de subjetivação.

Já vimos também que na linguagem os processos metafóricos e metonímicos possibilitam o trabalho de substituição e deslocamento pela via da linguagem que, a partir da perspectiva de Lacan, é por onde o Inconsciente se estrutura e se revela.

No que diz respeito às palavras, como já vimos, não há completude. Há dissimetria e desencontro, como já demonstramos no estudo sobre os chistes.

Buscamos a ajuda de Jeruzalinsky para melhor situar na teoria de Lacan a metáfora paterna como uma operação de barramento do desejo materno. O autor lembra que Freud afirma no texto *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924) que, inicialmente, o que a criança deseja é a mãe. Esse é seu objeto. Na entrada do complexo de Édipo essa operação é barrada e esse objeto é recalcado. Recalcado, porque entra o pai. O desejo, compreendido nessa dinâmica do desejo materno, origina-se de um objeto que o causa. Nesse ponto, Jeruzalinsky remete a Lacan, referindo-se ao grafo do desejo. Explica que o desejo se origina da relação impossível do sujeito com o objeto que, por ser impossível, causa o desejo. E qual seria esse sujeito, a criança ou a mãe? O próprio autor explica :

É algo que pouco importa saber de início. Tem conseqüências quando a criança se transforma ela mesma em agente autônomo que suporta a falta do objeto, isto é, sofre nas suas próprias costas. Mas ela é “envolucrada” nessa dinâmica da fantasia materna, muito antes de poder suportá-lo. Então, é ali que aparece a atribuição de um sujeito a ela, um sujeito que se lhe supõe.

[...] eu digo que falar ali de um sujeito é, de certo modo um excesso. Estamos falando do desejo materno, estamos falando do desejo de haver ali um sujeito. (JERUZALINSKY, 2002, p.75).

Nesse sentido, pode-se dizer que um sujeito se estrutura de um modo antecipado, num passado suposto, a partir de um funcionamento desejante da mãe. O barramento do desejo materno se produz pela entrada do pai, na teoria freudiana.

Voltaremos a Lebrun, autor que nos guiará na leitura que buscamos fazer das condições atuais de subjetivação.

Lebrun (2008) fala do trabalho psíquico de subjetivação que supõe a existência de um terceiro e lembra da discussão em torno da universalidade do Édipo tal qual Freud colocou. Lembra então que, o que é universal em toda sociedade humana é que a criança tem de se separar da mãe e será essa separação que a inscreverá na temporalidade conforme anunciamos acima.

Explica que há um modo de inscrever essa temporalidade, que definirá a trajetória da criança no sentido da definição de um caminho que lhe seja próprio. A mãe representa o que é preciso deixar para preservar a existência sendo que os traços dessa separação ficam inscritos no aparelho psíquico. Quem fará essa separação?

Quem será esse terceiro, se não há mais o pai do patriarcado?

Ao tratarmos da contemporaneidade, no início do trabalho, referi-mos-nos a Freud que estabelece que nossa relação com o mundo

não é instalada por um objeto, mas pela falta do objeto de eleição. Nesse sentido, é preciso passar por essa perda para se ter acesso ao mundo de representação. Essa perda instala o limite que tem a propriedade de manter e sustentar o sujeito de desejo. Não havendo limite, não há mais interdito nem objeto que se torna simbólico.

A função de contenção, conforme afirma Misés (2008) tem um papel notável no que diz respeito às patologias limite da infância. O autor situa entre essas patologias as dificuldades cognitivas. Explica que a criança fracassa, pelo menos parcialmente, nas tentativas de construção de uma paraexcitação e, depois, na instalação de um sistema pré-consciente que permite a instauração de ligações flexíveis entre processos primários e secundários; daí as capacidades de mentalização serem deficitárias. Disso decorre uma dominância característica de expressões pelo corpo e pelo agir, onde os problemas de conduta vem, às vezes, acentuar as dificuldades de aprendizagem.

As idéias do autor reforçam nossa tese de considerar a trajetória subjetiva na constituição da Atenção e suas formas de sustentação na contemporaneidade.

Vimos que os lugares que um sujeito ocupa são estabelecidos na história singular que acontece entre a mãe o bebê e, como vimos, na forma como acontece essa separação.

Retomamos o que já foi dito anteriormente, que é o corte produzido pelo aporte da ajuda estrangeira (*fremde hilfe*) que constitui o ato de nascimento do sujeito humano. É a ajuda estrangeira prestada por uma pessoa atenta ao bebê. É, portanto, na posição de Sujeito, em quem o corte da palavra operou, que a mãe pode fazer uma hipótese de Sujeito em seu filho.

Retomando o relato apresentado na introdução desse trabalho, destacaremos o trecho que trata especificamente do lugar da mãe que busca explicação para a inquietude do filho.

Rafael era o primeiro filho de Sandra. Quando estava grávida, pensou que não demoraria muito até poder voltar a trabalhar. As amigas voltavam a trabalhar quando seus filhos completavam mais ou menos dois anos de idade, mas Rafael já estava com sete e consumia ainda mais as forças de Sandra como na época em que ele era bebezinho e precisava acordar para amamentá-lo, dar-lhe banho, enfim, quando a atenção dela deveria ser totalmente direcionada àquele pequeno ser indefeso. (SILVA, 2003, p.23).

Diante desse caso ilustrativo, permitimo-nos interrogar a respeito do desejo dessa mãe sobre o filho, expresso em especial nesta idéia: *Ela pensou que não demoraria muito até poder voltar a trabalhar.*

Sabemos que a maternidade deixou de ser o papel social de maior relevância na vida de uma mulher. Além das demandas profissionais, a mulher vê-se diante dos imperativos do discurso social que valoriza a boa forma, a imagem da mulher sedutora e da perfeita mãe do filho perfeito. Diante desses imperativos, qual é o desejo que incide sobre o filho? Quanto de investimento materno é direcionado ao filho? Mais uma vez, estamos no campo da subjetividade. Qual é o discurso da mãe sobre esse filho? É pelo discurso do Outro que se institui o lugar social do sujeito. O discurso social incide na constituição do sujeito e o determina.

Bergès (2008), ao referir-se às crianças hipercinéticas, lança como questão: _ O que é que torna essas crianças insuportáveis? Explica então que não é ela, a criança que se queixa, mas são os outros que se queixam dela. Não é ela que tem uma demanda. É ela que propõe uma questão para o adulto. Assim explica o autor:

O corpo da criança hipercinética é desprovido de falas. Ela constitui o discurso por sua ação, é um discurso incoerente e insensato. E os problemas de atenção, que são eles senão a dificuldade de investir o que se diz porque isso não está inscrito? Se Freud emprega esse termo investir, que é um termo das

finanças, não é por acaso. Os problemas de atenção consistem em colocar seu dinheiro em um nome que eu esqueço. (BERGÉS, 2008, p.121).

O autor sugere que esse é o motivo pelo qual o terapeuta não é apenas um *visual*. Ele está na escuta, pois é justamente porque a palavra não é dita que a criança se precipita na ação. Devemos ser capazes de escutar e compreender seu corpo. Em suma, de lhe mostrar que existe um lugar e que desse lugar ela pode falar porque existe alguém que a escuta. A terapia das crianças hipercinéticas não deve se limitar a dar um lugar, nem deve se limitar a dar limites e coordenadas; não basta olhar, porque esse lugar não é nada, se não é o lugar de onde a criança pode falar.

Que sentido poderia ter, então, a instabilidade da criança? Será que ela tem sentido? Que faz com seu corpo a criança hipercinética?

Ela faz signo para qualquer um, afirma Bergès (Ibid), e, à medida que constituímos signo para qualquer um, não há sujeito.

4.3. A Atenção de um sujeito: transativismo.

Continuaremos com o autor Jean Bergés que, junto a Gabriel Balbo (2002), aborda os problemas de Atenção e hiperatividade pela perspectiva do transativismo, que se estabelece entre a mãe e a criança. Seguindo suas idéias, trataremos do tema do transativismo, conforme apresentado pelos autores, para quem a instabilidade da Atenção pode ser pensada como uma resposta da criança a um interdito interativo. Eles afirmam que a abordagem transativista permite pensar não apenas sobre a síndrome hipercinética e os problemas de Atenção (*TDAH*), como também sobre os problemas de aprendizagem e de adaptação social de um outro modo que não como problemas *orgânicos* ou *bioquímicos*. Para acompanharmos as idéias dos autores, lembramos que estamos nos referindo ao Sujeito, na dimensão da linguagem, conforme apresentamos anteriormente. O Inconsciente sendo efeito da linguagem, nesta que o Sujeito emerge, pelos seus enunciados.

Compreender esse Sujeito como efeito de linguagem supõe abandonar a idéia de uma harmonia preestabelecida de um funcionamento psíquico, conforme os próprios autores nos ensinam. Bergés e Balbo (1997) explicam o funcionamento como algo que transborda a função, apontando a mãe como uma função vicariante das funções da criança. A função vicariante diz respeito a uma função que compensa outra. Nesse sentido, pensaremos sobre a função da mãe como o apoio à imaturidade da criança. A criança apoia-se na mãe que a suporta. Esse suporte que a mãe dá à criança está condicionado ao seu desejo sobre o filho. Assim, a mãe antecipa-se à imaturidade natural da criança. Por sua motricidade de acompanhamento, a mãe vai, no real, antecipar a maturação motora do filho. Por antecipar, ela oferece a possibilidade de a criança constituir para si um corpo. Esse processo dependerá do lugar que a mãe se situa em relação a seu desejo sobre o filho.

A incontinência motora da criança é apoiada na motricidade e na postura da mãe. Essa função da mãe que antecipa a função no filho e seu funcionamento é por si só desarmônica, como afirmam os autores:

É nessa desarmonia que surge a verdadeira coerência do corpo que adquire consistência pelos significantes que a mãe vem nele engatar, significantes não apenas relativos à sua imagem, mas sobretudo a suas próprias funções, tomadas por seu funcionamento no simbólico. (BERGÈS; BALBO, 1997, p.15).

Entre mãe e filho se estabelece, segundo Bergés (2002), um jogo de afetação. Esse jogo de afetação se dá a partir do discurso da mãe sobre o filho, uma vez que, em seu discurso, ela antecipa o que o filho sente. É a esse jogo de afetação que o autor vai designar o termo transativismo.

Ele explica que esse termo, utilizado por H.Wallon desde 1921, é retomado por Lacan, em 1936, ao tratar do estágio do espelho como formador da função do Eu. Retoma então o termo transativismo relacionando-o aos pressupostos freudianos, como articulador da patologia à normalidade.

Bergés e Balbo atribuem a Lacan o fato de ter dado primazia ao discurso, e não ao objeto, para descrever e explicar os fenômenos psíquicos. O discurso permite intercalar aquele que é o seu agente e o que esse agente produz desse discurso, o grande Outro, o Inconsciente. Assim sendo, os fenômenos observados jamais serão bipolarizáveis: serão sempre referidos a três termos. Assim explicam:

Essa ternariedade mínima obriga, certamente, a pensar o sujeito e o objeto, mas pensá-los em referência ao grande Outro e, portanto, em referência à função da divisão que ele comanda e pela qual sujeito e objetos são marcados. Na falta disso, uma bipolaridade, que exclui a não-especularidade, insiste. Essa insistência não exclui menos a própria psicanálise, toda teorização do sujeito ao objeto. (BERGÈS; BALBO, 2002, p.17).

A noção de transitivismo será tomada nesse trabalho por permitir uma leitura da Atenção e hiperatividade bem como daquilo que se configura atualmente como problemas de Atenção.

O transitivismo pode ser entendido a partir da situação que os autores evocam em seu texto a respeito da dor que a criança sente. A partir da dor que a criança sente é possível compreender o jogo de posições que permitirá à mãe situar-se no lugar do filho, o filho no lugar da mãe e cada um em seus próprios lugares: de mãe e de filho. A criança machuca - se e a mãe diz: _ *ai*, da posição que ocupa. Dessa forma, ela faz uma hipótese sobre a dor do filho. O filho vai à posição da mãe para dizer _ *ai* e desaloja a mãe dessa posição e a assume para si. Assume a hipótese da mãe sobre a dor que é dele. Identifica seu *ai* ao de sua mãe e autentica o dizer dela. Dessa forma, estabelece-se um jogo de afeto porque não se trata da identificação da criança à dor da mãe e sim à hipótese que a mãe fez sobre a sua própria dor, sobre o que ele teria sofrido. Essa função transativista só pode ser exercida pela mãe se ela for dividida, isto é, se, na própria mãe, o corte da palavra também operou. Assim ela pode, ao mesmo tempo, ser ela mesma e o filho. Por colocar-se na posição do filho, a mãe divide-se, visto que ela é ela e ele. Para Bergès e Balbo, é essa divisão que funda a função transitiva da mãe, na medida em que ela fala essa dor do filho que, no entanto, nada teria manifestado dessa dor. Ele toma a posição de sua mãe que diz: _ *ele se machucou, é preciso prestar atenção*. Nesse sentido, a mãe é a única a pensar e revelar que ela fala a dor como se ela a sofresse e nisso ela é dividida.

Podemos pensar sobre o transitivismo, retomando a idéia da ajuda estrangeira (*fremde Hilfe*) que Freud coloca como sendo da pessoa atenta que outorga sentido aos gestos aleatórios da criança. O sentido quem dá é a mãe atenta que, dessa forma, coloca o filho na posição de quem pode atendê-la. Lança a hipótese de que o filho pode atender à sua demanda. É desse lugar, colocado pela mãe, que a criança poderá pôr em marcha sua Atenção e relançar uma nova demanda para a mãe. Assim, podemos sugerir que as diferentes formas de atender ao mundo teriam como matriz as relações iniciais da criança com a mãe, este outro que, dando acesso à palavra, abre os caminhos para o Sujeito.

Bergés (2002) sugere que a hipercinesia seja pensada a partir do pressuposto de que a atividade da criança é a colocação em ato na hipótese de um saber que sua mãe supõe nela, e ela é libidinizada na medida em que está enlaçada ao desejo da mãe que a relança sem cessar. Desse modo, há fundamento em pensar a Atenção, a partir das particularidades do relacionamento da criança com a mãe.

É nesse sentido que Bergés e Balbo falam da hipercinesia (hiperatividade) como um relançamento impossível, por parte do filho, face à ausência de desejo na mãe. Nesse sentido, a abordagem transativista nos permite pensar no processo que conduz à Atenção e ao seu funcionamento, à capacidade de concentração e à integração social, considerando não somente os determinantes orgânicos.

Partindo do transitivismo da mãe, é possível lançar a hipótese de que a criança também irá transativar. Os autores falam de um revezamento transativista que supõe que a criança recebe o bastão de sua mãe e torna-se, por sua vez, transativista. Outras pessoas vão tomar esse bastão e passá-lo adiante: professores e educadores, especialmente, que exigirão da criança que ela se identifique com seus discursos sábios, porque fazem a hipótese de que o que eles lhe transmitem se articula a um saber que ela já possui.

Na abordagem das dificuldades de Atenção e de aprendizagem não podemos deixar de considerar os desvios do transativismo.

Capítulo 5

OS CAMINHOS DA ATENÇÃO

5.1. Por onde caminha a Atenção de Diana.

Traremos outro relato do livro *Mentes Inquietas* para uma análise, à luz das idéias que apresentamos nesse trabalho.

Dessa vez, escolhemos um depoimento que remete diretamente à questão da aprendizagem.

Tomar um modelo de classificação para os problemas de aprendizagem supõe desconsiderar a trajetória subjetiva na constituição daquilo que se coloca como dificuldades, distúrbios ou desarmonias. Abordamos anteriormente a questão da origem dessa idéia de harmonia estabelecida em função do paralelismo entre o desenvolvimento motor e as funções cognitivas.

No relato que apresentamos a seguir, buscamos mostrar que o discurso a respeito do *TDA* e *TDHA* pode conduzir à leitura dos sujeitos que se apresentam distraídos, dispersivos e desatentos ao professor ou à aula a serem incluídos entre os portadores de transtornos e acomodarem-se ao fato de ser um *TDA*. Isso traz consequências para a subjetividade.

O depoimento é de Diana, 22 anos, estudante do Fonoaudiologia:

Sabe, eu sempre perguntei para mim mesma por que divagava tanto quando estava assistindo às

aulas, ou sob supervisão, algo assim que você deve, e também precisa, prestar atenção. Eu imaginava por que cargas d'água isso tinha que acontecer comigo, já que sempre fui perfeccionista. Eu me recriminava; achava que só podia ser falha de caráter, que no fundo devia ser uma desinteressada de tudo. Afinal, eu olhava para a face da minha supervisora, orientando-nos em pontos importantes e, embora no início conseguisse acompanhar, depois de um certo tempo via o rosto dela se transformar em uma tela de cinema, em que se passavam vários acontecimentos da minha vida, ou planejamentos, ou o que ainda estava por vir, fantasias, sonhos... Quando eu voltava ao tempo e espaço presentes, já não fazia a menor idéia do que estava sendo dito. Muita gente usa a expressão “pegar o bonde andando” para descrever uma situação em que você pega algo no meio e não entende nada...mas, para um DDA, eu acho que é o contrário: você pega o bonde parado, fica nele até um certo ponto e depois cai. Você continua e o bonde fica pra trás. (SILVA, 2001, p.21).

Na sequência, apresentamos outro depoimento de Diana:

[...] Aqueles trabalhos escritos que você tem que fazer dezenas de vezes na Faculdade, como dissertações, pesquisas, sempre foram um sinônimo de terror pra mim. Todo início de período eu jurava que desta vez seria diferente: não deixaria os trabalhos para entregar em cima da hora. Assim como prestaria atenção em aulas inteiras, anotaria o que os professores falassem e depois passaria a limpo de forma organizada. O que acabava acontecendo é que sempre ficavam aquela zona, além de incompleta, porque eu sempre caía do bonde. Daí eu pedia o caderno daquelas meninas que sempre conseguiam fazer o que para mim era impossível e tirava cópias. O mais engraçado era que eu quase sempre tirava notas maiores do que a

delas, usando o mesmo material. Mas no caso de trabalhos dissertativos, eu sempre deixava para os 45 minutos do segundo tempo. Fazia no maior desespero, achava uma porcaria e os professores adoravam! Eu ficava sem entender nada, eu me achava uma fraude. Sempre desejei fazer os trabalhos de forma disciplinada... O curioso é que, nas poucas vezes que consegui, não saíram tão bons, pelo menos na avaliação dos professores. (SILVA, 2002, p.22)

O relato de Diana remete-nos a um caso relatado pelo psicanalista Ricardo Rotulfo (1990) a respeito de um adolescente que, no decorrer do processo analítico, se dá conta do peso significativo de uma frase que a mãe sempre lhe dizia, ao voltar de um exame: *_ Tiraste dez?* O rapaz se dá conta que ali se diz algo do desejo da mãe.

O autor explica que essa restituição na análise do peso do significativo como exigência de trabalho impulsiona o paciente a encarar um rastreio histórico, permitindo acrescentar a essa frase reticências em lugar de deixá-la em um imobilismo fatalista. É esse imobilismo fatalista que os diagnósticos de *TDA* e *TDHA* promovem.

Uma vez identificada como portadora de um distúrbio, Diana não questionará mais o que pode significar para ela *pegar o bonde andando* ou *pegar o bonde parado*.

No que diz respeito ao funcionamento da Atenção, sabemos a partir do nosso estudo que o desejo orienta a Atenção.

No que a Atenção de Diana estava investida, quando a supervisora se transformava em tela de computador? O que comandava sua Atenção, quando, conscientemente, ela queria prestar Atenção e não conseguia?

De onde vem a demanda por prestar Atenção à aula, fazer as tarefas com aplicação e ser uma *boa aluna* ?

Por que, quando não seguia o estereótipo de *boa aluna*, seus trabalhos saíam melhores do que aqueles que fazia quando seguia o modelo de aluna exemplar ?

Enfim, o que Diana poderia descobrir sobre ela mesma se a ela fosse oferecida uma escuta e não um diagnóstico de *TDA*?

A tônica colocada no defeito e nos meios de atenuá-lo tende a apagar o lugar de sujeito.

Nesse sentido, afirmamos a posição de escuta que permite que emerja o sujeito de desejo. As probabilidades do desejo de saber colocam as perspectivas de uma escuta aos problemas de aprendizagem ligados à Atenção e à hiperatividade.

5. 2. A Atenção no conto *A Carta Roubada*

Fernández (2001) defende que pensar em cenas pressupõe um movimento de espacialização da palavra relatada. É como colocar as palavras no espaço, movimento imprescindível para que o pensar aconteça. Dessa forma, promove-se também uma escuta.

Traremos em cena um conto que foi trabalhado por Lacan no Seminário *A Carta Roubada*, com a finalidade de pensar sobre a Atenção, conforme concebemos nesse trabalho.

Lacan faz uso do conto de Edgar Allan Poe, traduzido por Baudelaire, para abordar a insistência da cadeia significante. Sustenta, nesse seminário, que *as incidências imaginárias, longe de representarem o essencial de nossa experiência, nada fornecem que não seja inconsistente, a menos que sejam relacionadas à cadeia simbólica que as liga e orienta.* (LACAN,1998, p.13).

A carta é apresentada como puro significante que define as posições dos sujeitos envolvidos em função do que representa para cada um.

Traremos o conto para pensar sobre a orientação da Atenção dos diferentes sujeitos envolvidos na história, mostrando que os diferentes lugares ocupados é que definem o caminho da Atenção de cada um.

Nesse conto, a narração reforça o drama e sem ela não seria possível que se conhecessem as sutilezas da situação.

No seu seminário, Lacan reporta-se à existência de duas cenas.

A primeira, à qual dá o nome de cena primitiva, e a segunda, considerada como sua repetição. Para sermos fiéis ao conteúdo do conto, traremos o relato das cenas conforme apresentados no Seminário:

A cena primitiva desenrola-se, pois, segundo nos é dito, numa alcova real, de modo que suspeitamos que a pessoa da mais alta estirpe, também chamada pessoa ilustre, que ali se encontra sozinha ao receber a carta, é a Rainha. Esse sentimento se confirma pelo embaraço em que é colocada pela entrada do outro personagem ilustre, sobre o qual já nos foi dito, antes desse relato, que a idéia que ele poderia fazer da referida carta poria em jogo nada menos do que a honra e a segurança da dama. Com efeito, prontamente nos livramos da dúvida de que se trate efetivamente do Rei, devido à cena que se inicia com a entrada do ministro D. Nesse momento, de fato, a Rainha não pode fazer nada melhor do que jogar com a desatenção do Rei, deixando a carta sobre a mesa "virada para baixo", com o sobrescrito para cima. Mas esta não escapa aos olhos de lince do ministro, e tampouco ele deixa de notar o desarvoramento da Rainha e nem deixa, assim, de desvendar-lhe o segredo. A partir daí tudo se desenrola como um relógio. Depois de haver tratado, com a desenvoltura de praxe, o ministro tira do bolso uma carta cujo aspecto se assemelha ao da que está a sua vista e, fingindo lê-la, ele a coloca ao lado desta. Mais algumas palavras para entreter a assembléia real, e ele se apodera com toda firmeza da carta embaraçante, despedindo-se sem que a Rainha, que nada perdera da sua manobra, pudesse intervir, por medo de despertar a atenção do real cônjuge que, naquele momento, está bem a seu lado.

Tudo, portanto, poderia ter passado despercebido a um espectador ideal de uma operação à qual ninguém reage, e cujo quociente é que o ministro furtou à Rainha sua carta e que, resultado ainda mais importante que o primeiro_ a Rainha sabe ser ele quem a detém agora e não inocentemente.

Segunda cena: no gabinete do ministro. Passa-se em sua mansão, e ficamos sabendo, pelo relato que faz o Inspetor de Polícia a Dupin, cujo talento especial para resolver enigmas Poe aqui introduz

pela segunda vez, que a polícia, há dezoito meses voltando ali tantas vezes quantas lho permitiram ausências noturnas e habituais do ministro, vasculhou meticulosamente a mansão e suas adjacências. Em vão, embora qualquer um possa deduzir da situação que o ministro conserva a carta a seu alcance.

Dupin faz-se anunciar ao ministro. Este o recebe com uma displicência ostensiva e frases afetando um tédio romântico, mas Dupin, a quem esse fingimento não engana, com os olhos protegidos por óculos de lentes verdes, inspeciona o recinto. Quando seu olhar recai sobre um bilhete esgarçado que parece abandonado no vão de um medíocre porta-cartas de cartolina que, atraindo o olhar por um certo brilho falso, está pendurado bem no meio do painel da lareira. Ele já sabe que está diante do que procura. Sua convicção é fortalecida pelos próprios detalhes, que parecem forjados para contrariar a descrição que ele tem da carta roubada, exceto pelo formato, que é compatível.

A partir daí só lhe resta retirar-se depois de haver “esquecido” sua tabaqueira sobre a mesa, de modo a voltar no dia seguinte para buscá-la, munido de uma contrafação que simule o atual aspecto da carta. Aproveitando-se de um incidente na rua, preparado para na hora certa atrair o ministro à janela, Dupin, por sua vez, apodera-se da carta, substituindo-a por seu simulacro, só lhe restando em seguida, salvar, perante o ministro, as aparências de uma despedida normal.

[...] O quociente da operação é que o ministro não possui mais a carta, mas disso ele não tem a menor idéia, longe de suspeitar ter sido Dupin quem a raptou. (LACAN, 1998. p.17).

Observamos nas duas cenas que as hipóteses que lançam, ou seja, aquilo que cada um antecipa em relação ao que pode acontecer, está na dependência do lugar que cada um ocupa na cena. Esses lugares são simbólicos e toda a trama acontece em função dos registros simbólicos.

Acompanhando a leitura feita por Lacan, destacamos que, na cena, há três tempos lógicos e esses três tempos ordenam três olhares,

sustentados por três sujeitos, alternadamente encarnados por pessoas diferentes.

O primeiro olhar é o olhar que nada vê. É o Rei e a polícia. O segundo é o olhar que vê que o primeiro nada vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta. É a Rainha e, depois, o ministro. O terceiro é o que vê, desses dois olhares, o que eles deixam a descoberto, o que é para esconder, para que disso se apodere quem quiser. É o ministro e, por fim, Dupin.

O rei, por não levantar hipótese sobre o conteúdo comprometedor da carta, não a percebe, é desatento à situação, mesmo estando a carta à sua frente, exposta à sua visão.

A Rainha, mesmo atenta à troca das cartas, nada pode fazer. Mesmo atenta à situação, o saber sobre o conteúdo revelador da carta inibe qualquer possibilidade de ação diante da troca das cartas, pois ela está paralisada pelo olhar do ministro e por algo que a censura e aprisiona.

A polícia procura a carta, com todos os recursos técnicos disponíveis e com a Atenção concentrada nela, objeto sobre a qual tem toda descrição. No entanto, não a encontra. O excesso de Atenção à carta, nesse caso, impossibilitou o encontro com o inesperado, com a surpresa.

Uma certa distração, nesse caso, poderia levá-lo a encontrar a carta roubada.

Ressaltamos a submissão da Atenção à trama simbólica. Em ambos os casos, tanto do roubo da carta pelo ministro quanto na descoberta da carta por Dupin, foi justamente o encontro com o inesperado e não previsto, possibilitado pela trama simbólica, que definiu o desenrolar da história.

As cenas podem acontecer porque existe um corte que demarca os espaços onde elas acontecem.

É o lugar de Sujeito que define os caminhos que a Atenção toma. Esse conto permite - nos finalizar o trabalho colocando ênfase no lugar de

sujeito que sustenta a Atenção. É esse lugar simbólico que o sujeito ocupa que direciona e sustenta sua Atenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concebemos a Atenção como uma função psíquica, cuja tarefa exploratória antecipa o que será percebido no mundo externo, com o objetivo de apreender algo que possa confirmar as representações psíquicas ou mesmo para buscar impressões e registrá-las na memória. A Atenção atua no psiquismo estabelecendo os elos de ligação entre os traços de memória e as representações.

O que mobiliza esse movimento antecipatório? O desejo inconsciente, que pode vir ao encontro da expectativa de prazer e ao evitamento do desprazer, que se refere à tensão sentida como angústia.

Estabelecemos que a Atenção de um Sujeito está implicada com a circulação da energia pelos diferentes lugares psíquicos (Id, Ego, Superego, Cs. Pcs. e Ics.). Dependendo da energia mais ou menos acumulada, haverá aumento ou diminuição nas intensidades de Atenção.

Vários objetos podem representar em diferentes momentos aquilo que se busca. Retomando o movimento da *Aufhebung* freudiana, nos três momentos referidos por Freud, conforme apresentamos anteriormente, constatamos que é a suprassunção dos estímulos endógenos que permite ao ser humano ultrapassar a condição de organismo.

Ao mesmo tempo em que a *Aufhebung* transforma, conserva, essa condição; por isso, a Atenção pode incidir sobre os estímulos endógenos. Na distinção entre mundo interno e mundo externo, é a suprassunção que permite que a Atenção vá do interno ao externo, sem, com isso, impedir o movimento de retorno. Há um corte e uma continuidade entre esses dois espaços. Assim, a Atenção de um sujeito pode voltar-se às necessidades internas e às solicitações externas.

O terceiro momento, aquele que se refere ao Complexo de Édipo, que tem como herdeiro o Superego, dá lugar a que a Atenção se origine ou decorra do Superego e incida sobre o que vai de encontro aos seus ditames. Esses registros podem funcionar de forma consciente ou inconsciente.

Adotamos a posição transativista como aquela posição da mãe que cria uma hipótese no filho e com isso antecipa e possibilita que ele também assuma uma posição transativista. Assim, ele cria e relança constantemente suas hipóteses ao outro.

Entre os vários objetos que se apresentam à criança, um é destacado pela possibilidade de dar ou não satisfação. É a mãe, que Freud descreve como *um outro pré-histórico e inesquecível*. Essa relação deixará rastros. Analisamos a importância dos significantes maternos e vimos a forma como, no filho, a posição transativista vai determinar o seu desenvolvimento e as peculiaridades de sua Atenção.

A inscrição da temporalidade que define a trajetória do humano é determinante no desenvolvimento do psiquismo. Esse desenvolvimento é não linear e desarmônico por natureza, uma vez que há avanços e retrocessos que não respeitam a cronologia, mas sim o movimento interno. Aquilo, portanto, que se caracteriza como normal ou patológico deve ser pensado a partir desses pressupostos.

A função da palavra é ressaltada como aquilo que faz corte e impulsiona a supressão. (*Aufhebung*) É a palavra que, ao possibilitar o pensamento, promove o adiamento da descarga motora. Podemos, portanto, afirmar que a linguagem e a palavra são determinantes no processo de Atenção.

Analisamos posteriormente que os caminhos que a Atenção de um sujeito percorre estão relacionados ao lugar de sujeito representado na ordem simbólica.

O caminho de tornar-se humano, como vimos, passa pela linguagem, pela palavra e pela confrontação com sua estrutura. Tomando

as palavras de Lebrun (2008), o fato de pertencer à linguagem supõe uma pressão necessária que cada um sente quando confrontado com a estrutura, definida como a representação do sujeito por um significante e para um outro significante. Para ele, *esse trabalho de confrontação com a estrutura e reapropriação de suas pressões é o trabalho de subjetivação que cada um deve fazer* (LEBRUN, 2008, p.171).

A questão lançada por Lebrun em recente palestra proferida em Recife, em outubro de 2008, é justamente esta:

_ Será que hoje a nossa sociedade ajuda a que se transmita essa lei da humanização?

No início do trabalho colocamos a questão de como estaria sendo possível ao sujeito humano atender - se, enquanto sujeito de desejo, uma vez que é o tempo todo convocado a atender aos apelos do discurso capilatista e aderir ao consumismo?

Quando falamos do transitivismo e da possibilidade transativista da mãe que permite ao filho também transativar, afirmamos que nessa relação se estabelece uma matriz a partir da qual o sujeito marcará sua trajetória de subjetivação, que consiste em tomar a palavra e, aos poucos, implicar-se nela. Implicar-se em seu aprendizado para, em seguida, apropriar-se dela. Concordamos com Lebrun (2008), quando afirma que chega o momento em que a criança poderá e deverá sustentar sua própria autoridade, assumir a responsabilidade de seu dizer. Esse é o processo de subjetivação.

Fizemos referência aos outros semelhantes, aos quais a criança passará o bastão.

O transitivismo supõe uma forçagem no sentido da aceitação de um limite. Hoje nos perguntamos como os pais e educadores estão dando conta de exercer essa função transativista.

Se a criança busca na relação com o outro organizar um sistema de referências que será suporte ao trabalho psíquico que deve

realizar para tornar-se adulto, devemos considerar como esse trabalho vem acontecendo.

Lebrun (2008-2) afirma que o traumático para a criança não é o limite que lhe é imposto e sim o fato de convidá-la a evitar a proibição. Ao invés de integrá-la, deixa-a sem recursos, abandonada por quem poderia indicar-lhe o caminho dos meios psíquicos que lhe permitiriam consentir no limite.

Concordamos, com o autor, que somos levados hoje a acreditar que à criança é impossibilitado o acesso a um eixo em torno do qual se realize um trabalho psíquico. Não tendo trabalho psíquico para realizar, ela não integra os parâmetros que lhe permitirão o acesso a uma vida social. Aqui encontramos o que Freud ensina no que concerne aos modos de funcionamentos do aparelho psíquico. Entre os processos primário e secundário, o primeiro toma prevalência em relação aos refinamentos impostos pelo desenvolvimento das funções psíquicas, entre elas, a Atenção, o julgamento e a memória, tão essenciais para o pleno funcionamento da aprendizagem que é própria ao humano.

O que assistimos hoje é que os adultos vêm poupando o esforço de educar a criança. Assim, poupa-as de ter que controlar seus impulsos. Dessa forma, ela torna-se presa de sua própria violência pulsional.

Os distúrbios, estão submetidos à tentativa de serem elucidados pela objetividade científica, que evita as implicações subjetivas tanto daquele sujeito que expressa, por meio de um desfuncionamento, algo de seu sofrimento, quanto daqueles a quem o pedido de ajuda, manifesto pelo sintoma, endereça-se, que é, em geral, aos pais. Os pais representam o discurso social e asseguram sua transmissão.

Vimos que o que especifica a posição psicanalítica é, mais do que supor uma demanda da criança, fazer a hipótese de que ela é capaz de fazer uma demanda em seu nome. Estaria assim, no nosso entender, assumindo uma posição transativista.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERGÈS, J. **O corpo na neurologia e na psicanálise: lições clínicas de um psicanalista de crianças.** Porto Alegre: CMC, 2008.

BERGÈS, J. BALBO G. **A Criança e a Psicanálise.** Porto Alegre: ARTMED, 1997.

_____. **Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo.** Porto Alegre: CMC, 2002.

BERGÈS, M. **Algumas questões sobre a ética na condução de análise de crianças e adolescentes.** Conferência apresentada no Congresso Internacional de Psicanálise. Recife, 2008.

BIRMAN, J. **Estilo e Modernidade em psicanálise.** São Paulo: Editora 34, 1997.

CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. **Dicionário de psicanálise.** São Leopoldo (RS): Unisinos, 2007.

DEL NERO, Henrique S. **Sítio da mente.** São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FALCÃO, A.L. **Sobre os Chistes.**

<http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-antigo/art081.htm>

FERNÁNDEZ, A. **Psicodrama em Psicopedagogia.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **O saber em jogo.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREJ, N.Z. **Le don du nom et son empêchement: au sujet des enfants de rue au Brésil.** Tese (Doutorado). Universidade Paris XIII. Paris, 2003.

_____. **Ao longo do caminho tem uma pedra.** Trabalho apresentado na Reunião Lacano-Americana de Psicanálise. Florianópolis: 2005.

FREJ, N. Z. **Limites, Fronteiras e Endereçamentos entre mãe e criança.** Projeto de Pesquisa. Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

_____. Com um Grande X. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (org.) **Escrita e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. (1895) In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. I.

_____. A Interpretação dos Sonhos. (1900) In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. V.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente. (1905) In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. VIII.

_____. Sobre o Narcisismo: uma Introdução. (1914). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIV.

_____. O Instinto e suas Vicissitudes. (1915) In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XIV.

_____. O Inconsciente (1915) In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XIV.

_____. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1915) In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XIV.

_____. Além do Princípio de Prazer. (1920). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XVIII.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. (1911). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XI.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XV.

_____. O ego e o id. (1923). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XIX.

_____. Uma nota sobre o bloco mágico. (1925[1924]). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XIX.

_____. A Dissolução do complexo de Édipo. (1924). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XIX.

_____. A Negativa (1915). In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XIX.

_____. O Mal-estar na Civilização (1930) In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XXI.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros. (1932-1936). In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XXII.

_____. Esboço de psicanálise (1937-1939) In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, Vol. XXIII.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas** Versão eletrônica da Edição *Standart* Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Tradução: James Strachey. Revisão: Jaime Salomão.

FREUD, S. **Briefe Correspondance** (1873-1939), Nouvelle édition augmentée, Paris, Gallimard, 1979.

GUERRA, A.G.; CARVALHO, G. **Interpretação e Método**: repetição com diferença. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

JERUSALINSKY, A. et al. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**: um enfoque transdisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. A metáfora paterna e sua relação com alíngua. In: VORCARO, Ângela (Org.) **Quem fala na língua?** Salvador: Ágalma, 2002

LACAN, J. **O seminário sobre a "Carta roubada"**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. **Les écrits techniques de Freud** . Livro I Paris Seuil, 1975.

LAPLANCHE e PONTALIS **Vocabulário de Psicanálise** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEBRUN, J.P. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

_____. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

_____. O Sujeito do Inconsciente. In: GEDIEL, J.A.; MERCER V.R. (Orgs.) **Violência, paixão & discursos**: o avesso dos silêncios. Porto Alegre: CMC, 2008.

LERUDE, M. **Peut-on encore parle de syptome aujournd hui?** Conferência apresentada no Congresso Internacional de Psicanálise Recife 2008.

LIMA, R. C. **Somos todos desatentos?** O TDA/H e a construção de bioidentidades. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

LURIA, A.R. **Curso de psicologia geral.** vol. III. Atenção e memória. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade:** gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

_____. **Formas clínicas da nova patologia mental:** e artigos inéditos. Recife: FASA Gráfica, 2004.

MISÈS, R. Problemas de aprendizagem escolar e psicopatologia. In: **O que aprendemos com as crianças que não aprendem.** Porto Alegre: CMC, 2008.

POE, E.A. A carta roubada. In: **Histórias Extraordinárias.** São Paulo: Abril Cultural, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

POMMIER, G. **Comment les neurociences démontrent la psycanalyse.** Paris: Flammarion, 2004.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** São Paulo: Jorge Zahar, 1999.

RODULFO, R. **O brincar e o significante.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas.** São Paulo: Editora Gente, 2003.

ZEMMOUR, N. e FOURMENT-APTEKMAN, M.C. Abordagem da inteligência na psicanálise e na psicologia do desenvolvimento. In: **Estilos da Clínica.** Vol. IV n.11. USP 2001.